

Coleção

# NOSSA HISTÓRIA

RIBEIRÃO PRETO RIBEIRÃO PRETO

volume 4

## O patrimônio histórico afro-brasileiro na Ribeirão Preto do século XX

**Sérgio Luiz de Souza**



Fazendo jus ao que consta em seu hino, Ribeirão Preto sangra amor e tradição. A terra do café, orgulho de São Paulo e do Brasil possui fatos curiosos e pitorescos, que encantam e que muitas vezes ficam renegados as poucas conversas caseiras ou arquivados em monografias e teses nas inacessíveis estantes das universidades.

A inédita união da Câmara Municipal, Instituto do Livro e Secretaria da Cultura possibilita uma nova viagem ao passado. Juntos, vamos percorrer as vastas plantações e descobrir aspectos importantes da prosperidade cafeeira. As grandes mulheres daquela época também mereceram destaque. O legado afro-brasileiro, tantas vezes esquecido, omitido ou contestado ganha seu merecido espaço. Nosso passeio pela história local é ambientado pela agradável trilha sonora e acordes magistrais da gloriosa orquestra sinfônica.

A coleção Nossa História traz um convite para o apoderamento de nossa rica história. Trata-se de uma grande contribuição para a geração atual e para as vindouras. Nesta amada terra onde temos tudo, procuramos dar um pouco mais. Que esse legado cultural seja multiplicado, partilhado e desfrutado por todos.

André Luiz da Silva  
Vereador

As áreas da Cultura e do Meio Ambiente são as menos privilegiadas em termos de verbas orçamentárias. Parecem constar dos organogramas apenas como penduricalhos a enfeitar as diferentes administrações.

Em outro estágio de desenvolvimento, só pode ser no futuro, talvez venham a merecer atenções maiores das que lhes são dadas.

Embora não resolvam, nem sequer aliviam, resolvemos destinar Emendas Parlamentares, para a edição de livros sobre a nossa cidade, além de ajudarmos a manter algumas iniciativas culturais importantes.

Que a prática se dissemine e alcance outros parlamentares e agentes públicos.

Os problemas ambientais, normalmente se originam de práticas culturais equivocadas. Dar à cultura a importância devida provocará, por certo, uma sociedade mais consciente e, por consequência, mais humanizada. É a nossa fé. E a nossa esperança.

Gilberto Abreu  
Vereador



Apoio

Realização



Secretaria da  
CULTURA



PREFEITURA DA CIDADE  
**RIBEIRÃO PRETO**  
*faz nossa vida acontecer*











Grupo Iségun - Dança do Café  
Evento no Museu do Café, junho de 2010.  
Foto - Grupo Amigos da Fotografia

Capa - Clubes e sociedades negras ribeirãopretanas na década de 1940 em campanha por uma sede própria. Imagem cedida pela senhora Maria José dos Santos Martins.

### **Sobre o autor**

Graduado em Engenharia Química pela Unaerp e em História pela Uni-Mauá, em Ribeirão Preto. Concluiu Mestrado em Sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Campus de Araraquara onde também realizou seu Doutorado no mesmo programa de pós-graduação. Na atualidade é Pesquisador Associado junto ao CLADIN (Centro de Estudos das Línguas e Culturas da Diáspora Negra) e ao LEAD (Laboratório de Estudos afro-brasileiros e da Diversidade) ambos na UNESP. Leciona História no ensino Médio na Rede Estadual Paulista, também é professor na Uniesp - Ribeirão Preto onde ministra sociologia, história, econômica e outras disciplinas. Membro da Rede de Cooperação Identidades Culturais sob a coordenação da Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto e do IPHAN. É autor do livro (RE) Vivências Negras: Entre Batuques, Bailados e Devoções - Práticas Culturais e Territórios Negros no Interior Paulista.

### **Agradecimento**

Primeiramente agradeço a Deus. De todo meu coração e com toda força de minha alma digo: Obrigado Senhor! Gratidão expressa também a todos os amigos e amigas que participaram desta jornada de diferentes maneiras. Agradeço a toda minha família incluindo meus tios, minhas tias e meus primos espalhados pela capital paulista e por este interior do estado. Finalmente, deixo aqui registrada minha gratidão ao meu amigo e orientador durante quase dez anos, o Professor Dr. Dagoberto José Fonseca que é o maior responsável por todo clima de amizade e compreensão que envolve nossos grupos de pesquisa na UNESP com sua postura serena e sábia.

# Sumário

Introdução

Capítulo 1:

Os times negros e os bailes de barraca: Os lugares de conformação das identidades e as linguagens de apreensão do urbano

Capítulo 2:

Os Bailes e outras Práticas Socioculturais

Capítulo 3:

As celebrações das identidades: procissões, batuques e brincadeiras dançantes.

Capítulo 4:

As brincadeiras dançantes e os grupos de arte e cultura: novas performances das identidades negras

Capítulo 5:

Os bailes de gala: as reinterpretações da civilização e da modernidade

Capítulo 6:

Os blocos de carnaval e as escolas de samba: academias das ruas

Considerações Finais

## Introdução

Esta obra nasceu de nosso intuito de abordarmos as organizações negras, os processos identitários e as redes sociais instauradas pelas populações negras da cidade de Ribeirão Preto, ao longo do período situado entre a década de 1930 e o final do decênio de 1980. Todas estas atuações são trazidas ao leitor como expressão da história e da memória da população afro-brasileira, enfim, do patrimônio histórico-cultural desta sociedade que buscamos existente na construção sócio histórica da cidade de Ribeirão Preto no nordeste paulista.

Esta obra é fruto de nossa tese de doutoramento realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Faculdade de Ciências e Letras da UNESP Campus de Araraquara (FCLAR). Anteriormente, em nossa dissertação de mestrado, nos voltamos para a apreensão das práticas socioculturais e as formas de territorialização realizadas pelas populações negras na cidade de Ribeirão Preto, na primeira metade do século XX. Finalmente, elaboramos a tese de doutorado da qual este livro surge. Neste último, pretendemos apresentar parte das elaborações resultantes de nosso olhar voltado para a interpretação dos processos identitários e para as negociações realizadas pelos grupos negros na cidade de Ribeirão Preto no nordeste paulista.

Para começarmos, partimos do princípio de que entre a normatização autoritária hegemônica proveniente do racismo e a realidade por ela sonhada existe um universo. Este é o universo de diferença constituída pela diversidade de grupos sociais a demarcarem suas alteridades com nomeações (simbolizações) do mundo e formas de se posicionar diante e com este mundo vivenciado sob múltiplas possibili-

dades que pretendemos aqui expor.

Estes são caminhos que tornaram os afro-ribeirão-pretanos sujeitos produtores de expressões socioculturais e narrativas que vão além das proposituras autoritárias do racismo e, desta forma, criaram suas próprias narrativas identitárias por meio de novas e inusitadas respostas expressas em suas organizações e nas práticas culturais a partir delas estabelecidas.

Neste escrito apresentamos nossas interpretações referentes às atuações das organizações negras e suas conquistas políticas fundadas por diversificadas formas e narrativas identitárias. Nesta dimensão, abordamos diferentes facetas destas atuações e reinterpretações permeadas pelos caminhos de desconstrução dos estereótipos racistas, de conformação das identidades e de elaborações das linguagens sociais de apreensão dos espaços urbanos que os grupos negros realizaram ao longo do século XX nesta urbe paulista



## **Capítulo 1:**

# **Os times negros e os bailes de barraca: Os lugares de conformação das identidades e as linguagens de apreensão do urbano**

Os times negros estão aqui inseridos no contexto das dimensões componentes da dinâmica dos processos de produção das diferenças e identidades. Processos inscritos na gramática das relações sócio-étnico-raciais pertinentes ao contexto nacional e regional nos quais se inserem e com os quais dialogam as populações negras afro-ribeirão-pretanas, com suas organizações e atuações sociopolítico-culturais, sempre em meio às condições socioeconômicas que também são engendradas nesta dinâmica.

De fato, as populações negras, ao longo de toda sua história na diáspora brasileira, produziram diferentes caminhos organizacionais e geraram frutos diversos. Desde o combate à opressão e espoliação escravista com ações armadas até a produção de narrativas outras para a manutenção de sua humanidade com a produção de lugares para afirmação de suas diferenças e identidades. Lugares estes que vão desde os quilombos e diversos redutos de negros livres como as irmandades negras e/ou espaços religiosos de matriz africana aos seus “batuques” e festas diversas no meio urbano ou rural durante o período colonial e imperial brasileiro (CUNHA, 2002; KARASCH, 2000; LUZ, 2000).

Ao longo do contexto republicano, no período pós-abolição, reconstituíram-se os formatos da opressão hegemônica de cunho étnico-racial que, de certa forma, fizeram

recrudescer a marginalização e a tentativa de rebaixamento da humanidade dos afro-brasileiros. Por outro lado, as populações negras, como parcela ativa deste processo de transformações na realidade societária brasileira, também reordenaram suas expressões socioculturais e políticas. Entre outros fatores, este reordenamento aconteceu pelo intuito dos descendentes de africanos se incluírem socialmente por meio da desconstrução das narrativas pautadas na lógica da discriminação com a produção de suas próprias narrativas identitárias, com vistas a uma inclusão autônoma e ativa nesta dinâmica social.

Estamos a lidar com as relações entre grupos sociais e suas atuações na percepção dos lugares das culturas, espaços demarcados por suas identidades, lugares estes que entendemos enquanto territórios em parcelas urbanas culturalmente demarcadas nos quais, por meio de suas práticas, os grupos sociais estabelecem os mapas de suas culturas. Desta forma, não nos orientamos pela ideia de bairro. Nosso olhar é voltado para diferentes espaços urbanos em que as populações negras desenvolveram diferentes manifestações culturais, que se constituíram em suportes fundamentais para as diferentes formas de estabelecerem sua territorialidade, com variadas linguagens sociais de apreensão do ambiente urbano (LUZ, 2000).

No âmbito da cidade de Ribeirão Preto, ao longo do século XX, estas atuações das populações negras amealharam conquistas que, também por este motivo, foram fundamentais para a afirmação de sua inclusão social, para a produção de identidades e afirmação de suas diferenças, enfim, para expressão de sua alteridade.

Em nossa perspectiva, buscamos reconhecer as ações políticas dos grupos sociais pautados em lutas que não se



restringem a reivindicações de cunho econômico ou à política, no sentido das instituições partidárias e/ou estatais. Abordamos as possibilidades teóricas e o alcance epistemológico que as pesquisas sobre identidade, fronteiras, práticas socioculturais, entre outros aspectos neste âmbito trazem para compreendermos a diversidade sócio-étnico-racial em nosso país. Mais particularmente, no caso desta obra, o contexto de Ribeirão Preto e do nordeste paulista.

As estruturas tradicionais de pertencimento têm sido cada vez mais questionadas e este questionamento acompanha-se do fortalecimento das políticas de identidade que se traduzem pelo recrutamento de sujeitos por meio do processo de formação dessas identidades com os grupos atuando na superação da marginalização e da invisibilidade social.

Diante deste conjunto de ações hegemônicas em busca de orientar todos os grupos sociais e suas igualdades sob um caminho único, quais foram as possibilidades das populações negras produzirem narrativas históricas e memórias geradas a partir de referenciais produtores de autonomia que lhes propiciasse status e papéis sociais diversos dos prescritos pelo olhar estereotipado dos segmentos hegemônicos e mesmo no âmbito oficial do Estado? Quais recursos socioculturais as populações negras lançaram mão para o estabelecimento de discursos identitários firmados em referências positivas e com base em representações geradas no reconhecimento pleno de sua humanidade e de suas narrativas e memórias na história de Ribeirão Preto?

Os clubes e sociedades recreativas e beneficentes foram um dos principais formatos encontrados pelos grupos negros ao longo do século XX no sentido de produção de sua alteridade. No nordeste paulista estes lugares

desenvolveram-se intensamente! Em Ribeirão Preto temos entidades como o time de futebol da Ponte Preta e o time de futebol do Clube dos Aliados, nos mesmos moldes estão os clubes Estrela do Oriente e Bom Jesus de Barretos, o Flor de Maio na cidade de São Carlos, a Academia Araraquarense do Samba em Araraquara, o José do Patrocínio em Bebedouro, o Clube do Grêmio, o Clube Ponte Preta e o Elite Clube em Uberaba.

Todas estas entidades promoviam atividades diversificadas e dentre as mesmas, os times de futebol negros. Como em variados espaços sociais, o espaço do futebol, o “nobre esporte bretão”, também foi, até a década de 1960, um espaço de restrição aos negros. Nas primeiras décadas do século era destinado apenas aos membros das famílias ricas brancas, sendo vedado aos negros. Após a década de 1960 estas restrições ficaram mais dissimuladas, entretanto ainda se efetuavam formas de barragem à negros no futebol. Para serem aceitos nos clubes e até mesmo para jogarem na seleção brasileira, os jogadores negros viam-se obrigados a disfarçar suas “vicissitudes negróides”, usando toucas, esticando o cabelo e até passando pó de arroz pelo corpo (LUZ, 2000).

Como alternativa a esse contexto, os negros formaram seus times, tanto para afirmarem suas qualidades futebolísticas quanto para poderem praticar o futebol com uma linguagem corporal e gestual mais livre, sem os cerceamentos impostos pelas concepções eugênicas e ascéticas, tradu-

---

1 - Somente na cidade de Ribeirão Preto entre 1910 e o final da década de 1950 encontramos mais de dez entidades negras atuantes (SOUZA, 2007). Nas demais cidades do nordeste paulista os clubes e sociedades também tiveram presença marcante com a promoção de atividades diversificadas, desde a primeira metade do século XX.

zidas na rígida disciplina corporal que imperava no futebol dos times brancos<sup>2</sup> (LUZ, 2000). No nordeste paulista estes times fizeram presença em diferentes cidades desde a década de 1930, pelo menos.

Em Ribeirão Preto, o time da Ponte Preta expressava este tipo de organização que embora fosse principalmente para os negros, eventualmente admitia algum branco, “os brancos negreiros”, fato que se dá mais intensamente a partir das décadas de 1950 e 1960, no acompanhar da relativa flexibilização das fronteiras étnico-raciais:

Joguei na Ponte Preta, nos Campos Elíseos, na Ponte daqui. Eu era mocinho... Eu praticava atletismo, 5 mil metros, dez mil... A Ponte era só de negro, no meu tempo não tinha nenhum branco na Ponte Preta! Na Ponte chegou a jogar algum branco, ia infiltrando algum lá, os branco negreiro. Tinha branco que brigava por causa de negro, era um tempo bom (Entrevista com Sr. Oscar, 83 anos).

Entretanto, a tônica destes times foi ao longo do tempo a demarcação das diferenças com os brancos. Travavam-se disputas acirradas com times em geral, porém, com os times “de brancos” a disputa era “preto de um lado e branco do outro”:

Era muito bonito, reunia tudo as famílias pra ver os jogos! Chegava no domingo era um acontecimento o jogo, todos os negros do lado ali torcendo pra valer mesmo! Ia tudo mesmo,

---

2 - Em cidades como São Paulo, por exemplo, Cardoso (1993) relata que existiram os “Bambas da Barra Funda”, negros provenientes do interior do estado, trabalhadores de serviços pesados na ferrovia, que formaram o time de futebol São Geraldo, adquiriram um salão de bailes e, posteriormente, fundaram um cordão carnavalesco, o Geraldino.

aquela negrada! Era um acontecimento, se perdesse o jogo a gente chorava. Era uma delícia, eu adorava, a gente ia pra torcer mesmo, no domingo, era torcida mesmo! Era preto de um lado e branco do outro, se perdesse a gente chorava. Era mais unido, onde a Ponte Preta ia jogar, nos bairros em que ia jogar iam as irmãs dos caras, os pais, iam torcer, iam as famílias (Entrevista com Sra. Iraci, 78 anos, e Sr. Oscar, 83 anos).

Seleção Negra versus Seleção Branca: 13 de Maio de 1945. Fonte: cedida pela senhora Maria Isabel Cesário Francisco Miguel.



Eram verdadeiros acontecimentos os jogos, na concretização das rivalidades cotidianas “com a italianada” e outros segmentos brancos, em espaços para os quais se dirigiam torcidas, com grande emoção e até choro nas derrotas. Quando então, famílias negras inteiras afirmavam sua identidade étnico-racial até mesmo pela disposição das torcidas de “pretos de um lado e de brancos do outro”:

Um time que a gente tinha mais rivalidade era o Atlântico. Era um time só branco, era meio arrogante, a gente jogava firme! (risos). Com o Atlântico era mesmo, eles tinham até o salão deles, era de branco só também, na Rua Capitão Salomão, quase sempre os negros que ganhavam, era italianada! E os negros do outro lado, era festa mesmo! (Entrevista com Sr. Oscar, 83 anos).

Estes times foram importantes também para a inserção de muitos negros que migraram após a década de 1940, onde estes se reconheciam e restabeleciam suas outras redes de solidariedade, como foi para o senhor João Bento em 1950, que foi morar na distante região do bairro Barracão, nas imediações da região do “Pau do Urubu”:

O movimento meu no Barracão era pequeno, meu negócio era povão! Quando cheguei aqui já fui pra Praça XV, fui jogar na Ponte Preta, já conhecia os colegas, encontrava tudo na Praça, então não tinha parada no Barracão naquela época (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

O termo “Colored” retrata bem as relações que vêm orientadas desde a primeira metade do século XX. Um termo que remete às designações que brancos usavam para negros nos meios de comunicação nos anos 1940. Um exemplo encontra-se na promoção de jogos entre times

brancos e times negros, estes designados “coloreds” em oposição aos “alvos” nas disputas noticiadas pela imprensa ribeirão-pretana como “Branco vs Pretos”:

Iniciando a temporada de jogos amadores, amanhã cedo, no campo da Vila Tibério, dois bons conjuntos serão contendores. A Cervejaria Paulista F. C, para treinar seus jogadores, fará realizar uma partida entre dois combinados, um de jogadores “coloreds” e outro de “alvos”. Portanto, esse cotejo será dos mais interessantes, pois ambos os contendores esperam vencer... (...)... O conjunto branco contará com Gambinha, Gera, Nardim; e o preto, com Pereira, Nabor, Tila, Odilon, Jairo e outros (Jornal “Diário da Manhã”, Ribeirão Preto 7 de Fevereiro de 1942, grifo nosso).

Em diversas cidades e regiões brasileiras constituíram-se clubes cujas atividades estendiam-se de seus times de futebol até salões de baile e cordões de carnaval. Podemos citar os negros da região da Barra Funda na capital paulista nas décadas de 1920 e 1930. Negros de Ribeirão Preto lembram-se de referências de times negros de outras cidades. Em Tambaú, por exemplo, existia o time do Operário possuidor de uma sede na qual também realizava seus bailes ao som de ritmos bem variados:

Tinha sede, tinha baile... Tinha tudo. Tinha um time de futebol e tinha a sede pra fazer festa, todos dois. Fazia festa naquele salão e os negros da cidade iam no salão do Operário. Eu dançava, eu era bailarino, tinha o baião naquela época, uma força tremenda! Era o tempo do bolero, do samba canção... Tinha as músicas do Nelson Gonçalves, do Jorge Veiga, que era samba (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Times expressivos da capacidade dos negros, estes abri-

lhantavam os festivais de cultura, além de demarcarem as interfaces com brancos. De forma análoga ao que ocorria no “Baile do Carmo” em Araraquara e, posteriormente, nos Feconezus (Festival Comunitário Negro Zumbi) ocorrido na capital do café em 1979. Durante a década de 1930, estas agremiações eram parte integrante dos festivais de cultura afro-ribeirão-pretanos. De forma tão relevante quanto os bailes e peças de teatro. Entretanto, em décadas anteriores, estes festivais de cultura, eram estabelecidos de maneira diversa às expressões identitárias dos Feconezus dos anos 1970 e 1980 em que se afirmavam essas expressões dos negros, preferencialmente por meio de uma reconstrução de símbolos de africanidade. Nos festivais da primeira metade do século XX os símbolos de distinção burguesa eram predominantes, com “negros estilosos” em seus “ternos e gravatas”:

Tinha festival no salão, uma semana de festa. Sempre tinha teatro, os rapazes faziam baile, faziam jogo de futebol, faziam peça de teatro, jogavam bola e fechavam com o grande baile. O grande baile! Vinha gente de fora, Casa Branca, Batatais, Araraquara. Tinha uma foto do time da Ponte Preta! Tinha o Ponte Preta dos negros e o São Cristovão dos brancos. E os negros eram estilosos, os negros só andavam de terno e gravata (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

Neste processo, os times eram tidos como seleções escolhidas para representar os negros e encarregadas de vencerem na disputa contra membros de clubes “da raça branca”:

Não, não era time era uma seleção, por exemplo, de um lado só entrava preto, do outro lado era só branco, do Grêmio. O Grêmio Recreativo era da raça branca. No dia 13 de maio



sempre tinha contra os brancos. Isso eu era solteiro ainda nos tempo de 1940 (Entrevista com Sr. Malaquias, 78 anos).



Ponte Preta de Ribeirão Preto e convidados de outras cidades no decênio de 1950. Fonte: cedida pela senhora Maria José dos Santos Martins

Estas diferentes performances dos times negros inserem-se no movimento de questionamento das identidades homogêneas colocadas pelo Estado e por setores hegemônicos no interior paulista. Um questionamento que, por



um âmbito, diz respeito ao essencialismo das concepções identitárias fixas e imutáveis, naturalizadas pelos setores hegemônicos como únicas vias possíveis para o estabelecimento das interações sociais e para a construção da nação no Brasil. Em outro patamar, a relevância destes times nos festivais e a demarcação das diferenças com grupos brancos em condições de igualdade, expõem a capacidade de superação política que os segmentos negros têm operado ao longo do século XX por meio de suas organizações, como também a extensão da autonomia e a validade dos caminhos escolhidos pelas parcelas negras da população.

## Capítulo 2:

# Os Bailes e outras Práticas Socioculturais

Outra forma de expressão muito relevante, desenvolvida pelas populações negras para estabelecerem suas identidades e emitirem suas narrativas acerca de si e do mundo, foram os bailes e festividades em geral. Nestes bailes, um dos aspectos marcantes eram as reuniões de “famílias negras” onde diferentes gerações se encontravam para compartilhar seus valores e representações e reproduzi-los:

Quando eu tinha uns 14 anos saía com os amigos lá do Bangu, da família dos Brandão e outros ali. Eu tenho pouca história de bailes porque minha mãe não deixava. O que eu me lembro de nós negros é que a gente se conhecia por conta dos bailes de carnaval também, porque toda família negra se reunia era na época do carnaval (era grupo de famílias) que era na época da minha mãe, ela ia porque meu avô ia com ela (Entrevista com Sra. Regina Brito, 57 anos).

Estes bailes foram de muita relevância na construção das identidades destas populações, de forma que ainda reverberam seus ecos na memória de muitos depoentes, como momentos aconchegantes, quando “a raça” se congregava e parecia “uma grande família”. Aspecto substantivo em contextos sociais de intensa opressão e discriminação étnico-racial:

Agora a raça em Ribeirão é diferente, na minha época parecia uma grande família, todo mundo conhecia todo mundo, era uma coisa mais aconchegante, hoje eu acho que já não existe (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

Existiram bailes ligados à diversas formas de organiza-

ção. Realizavam-se, desde o início do século os bailes das sociedades e clubes negros que, além dos bailes de carnaval, também promoviam os chamados “Bailes de Gala” ao som de orquestras e com a exigência de “trajes elegantes” (ternos, gravatas, sapatos, vestidos longos). Outro formato era o das denominadas “brincadeiras dançantes”, bailes realizados em residências de famílias negras, principalmente a partir da década de 1960, com o advento das vitrolas e dos Long Plays (LPs).

Nos anos 1970 surgiram, como um desdobramento das brincadeiras dançantes e outras influências, os Bailes Black ao som de músicas provenientes dos cantores negros dos EUA e de negros evidenciados ao longo dos anos 1960 e 1970 no Brasil. Nestes bailes Black, a afirmação do fenótipo negro e de trajes como calças boca de sino, cinturões, camisas estampadas, chapéus, boinas, etc. marcaram o “orgulho negro”, fruto de um período de mudanças nas relações entre negros e brancos, das narrativas identitárias e formas de mobilização dos descendentes de africanos no Brasil e em outros espaços da diáspora.

Além destes bailes, aconteciam os “Bailes de Barraca”, os quais, juntamente às festas em louvor aos santos e as festas familiares em grandes quintais (terreiros) ao som de sambas e outros ritmos (principalmente de matriz africana) expressam-se como permanências de formas culturais provenientes de espaços rurais e/ou de séculos anteriores, quando as populações negras realizavam festividades várias, geralmente agregadas ao calendário religioso católico. Como as festas na capital do Império, onde havia um enorme contingente de negros, inclusive com grande proporção de africanos, nas festas do Divino, juntamente com festas em homenagem a Santo Antônio, São João, São

Benedito e outros santos (ABREU, 1994). No contexto ribeirão-pretano do nordeste paulista, no século XX, estas festividades, procissões e bailes vão ocorrer principalmente nos arrabaldes urbanos:

Tinha baile de barraca aqui, sabe por quê? Porque o povo da minha família do lado da mãe lá em Minas participava muito de Congada, destas coisas e sempre tentou passar isto pra gente! Mas molecada, mexer com coisas de antigo... Nunca quis. Mas aí ficou uma coisa, de Reisado! Os primos da minha mãe, inclusive meu pai aderiu a isso, meu pai participava de Folia de Reis e ele tocava... A gente falava bumbo ou caixa, que ele fazia a marcação, e ele mesmo fazia essas caixas! (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Por expressarem reminiscências de Congadas, Reisados e outras formas culturais seculares importantes para os afro-brasileiros, as famílias negras tinham nos bailes de barraca possibilidades de reinterpretarem tradições no seio da modernidade de modo a firmarem os vínculos familiares, como lugares de sociabilidade e saberes diversos, a exemplo da sabedoria do pai do senhor Sebastião, o senhor José, que confeccionava as caixas e tambores para as festas:

Ele fazia e tocava, na época couro era uma coisa que todo mundo jogava fora, ele pegava os couros, ele curtia o couro, ele limpava o couro, ele ia pro mato, pegava a madeira pra fazer o arco, comprava umas cordinha e ele fazia a caixa e fazia tudo! (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Muitas destas festas, realizadas até mesmo por populações remanescentes de quilombos, congregavam saberes e grupos de origens diversas. Estas festas ocupavam as famílias negras durante meses em sua preparação, em busca de donativos, confecção de instrumentos e divulgação, além

dos rituais religiosos envolvidos:

Então, o que acontecia? O meu avô era sanfoneiro, o meu avô, o cunhado dele, a família do lado da minha mãe era um povo muito festeiro o povo que veio do quilombo, então aqui eles continuaram com o Reisado, e meu pai fazia a caixa e meu pai... Eu não sei até hoje onde meu pai aprendeu essa caixa. Depois que ele morreu que eu fiquei pensando, será que ele aprendeu com o pai dele, será que foi meu avô, sinceramente eu não sei. Ai... Então o pessoal fazia Folia de Reis, eles saíam em novembro, dezembro (você sabe como funciona?). Eles saíam angariando, andando nas casas e o pessoal naquela época, tinha muitas fazendas em volta da Santa Cruz, a fazenda Aliança, outras e o pessoal gostava muito! Então o pessoal dava bastante donativo! (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Grandes famílias negras, oprimidas no dia a dia pela aspereza das condições de vida e pelo cotidiano marcado pela discriminação, ganhavam visibilidade e prestígio ao marcarem sua presença nos principais cargos da festa e receberem populações vindas de outros bairros e cidades.

A companhia era da minha família. Na companhia de Reis saíam algumas outras pessoas, mas era quase tudo a minha família, os primos da minha mãe, o embaixador era primo da minha mãe, o meu tio (até hoje ele é evangélico), ele é irmão do meu pai. Outro dia eu tava subindo com ele e tinha uma Folia de Reis e ele me disse: rapaz, embora seja pecado, mas quando eu escuto isso até me arrepia o corpo, este meu tio cantava também, fazia a segunda voz. No final, no dia da festa da bandeira, fazia festa e a festa era comunitária, convidava... Por exemplo, quando ia pras fazenda, já dizia o dia da festa, então não era raro vir gente de outras cidadezinhas, fazendas e do bairro pra festa, não era raro! (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Os vínculos familiares e de antigos lugares e tradições reconstruídos no fazer da festa, mantidos e fortalecidos durante décadas. Festas e bailes em arrabaldes distantes que passavam a serem mais bem vistas, parcelas urbanas que ganhavam outras conotações, fora da ótica do estigma das populações de diferentes regiões da cidade, pelo fato destas demais populações irem compartilhar as narrativas positivas das expressões culturais nestes espaços urbanos, antes apenas conotados pelas narrativas estigmatizantes:

Naquela época, onde a gente morava não tinha nada, era o fim da periferia da cidade. O jardim Irajá era o último, inclusive a rua lá, não tinha rua, era um caminho que chegava na minha casa. Como não tinha rua, a gente fazia barraca na frente de casa, meu pai ia nas fazendas, arrumava bambu, eucalipto e fazia mesmo a barraca! Aí pegava lona com esse pessoal que mexia com caminhão (porque não tinha dinheiro!). Então pegava uma lona grande e fazia a barraca mesmo grande, reforçada! Entre as décadas de 60 até os anos 1980. Meu avô fez a festa sete anos, minha mãe mais sete anos, meus tios também... A festa durou bastante, era muito esperada, eu já era moço, adolescente e lembro, eu já tinha uns 15-16 anos e ainda acontecia a festa! (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Os Reisados e as Congadas, entre outras expressões socioculturais aqui reinventadas, estes eventos que aconteciam em bairros como os Campos Elíseos, Santa Cruz, no Bangu, na região da atual Vila Abranches, entre outras regiões, faziam a cidade ser repleta de festas. Lugares organizados pela lógica da respeitabilidade, onde a comida, a religiosidade e as danças até o raiar do dia, ocorriam em função de valores de comunhão e, ainda, sob a lógica da consumação, na qual o aqui e agora do grupo definem os rumos das relações, sem os preceitos universalistas impos-

tos a priori:

A cerimônia era até seis horas da tarde, tinha comida, depois começava o baile, o que era o baile? O pessoal subia em cima da mesa, sanfona, porque tinha os músicos da Folia de Reis, era sanfona, pandeiro a caixa, e o couro comia... Rapaz, até as... Às vezes, até oito horas da manhã do dia seguinte tinha gente lá em casa ainda! O sol começava esquentar, o povo começava ir embora! Minha família toda dança muito até hoje, quem me vê assim durão acha que minha família... (risos). Os meus irmãos dançam muito, meu pai era um pé de valsa, minha mãe, no baile quando eu era moleque: “Espera aí viu filho, só mais uma música” (risos) (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Com a expansão urbana ocorreu uma desagregação destas populações espalhadas pelos espaços urbanos e destas expressões culturais, principalmente após os anos 1970. Entretanto, os processos identitários com os valores e narrativas geradas permaneceram nas memórias como referências importantes.

As populações negras, por meio de suas atuações, expunham a condição de seus espaços de vida como lugares da polifonia de sentidos, de geração do fluxo intenso de práticas, valores e expressões socioculturais positivos. Alguns marcos, como a “casinha de tábua”, na Rua Camilo de Mattos, em Ribeirão Preto, tornaram-se um patrimônio destas lembranças, posto que foi ponto nodal de muitas vivências como as festas em louvor a Santo Antônio que aconteciam desde o início do século XX. Festas que ressurgiram na memória de diversos destes atores sociais:

A minha avó Jenny fazia festa de Santo Antônio. Tinha uma área toda aberta lá na Cava do Bosque, na Camilo de Matos, 682. Os caminhoneiros forneciam a lona, então cobria grande

parte do terreno, fazia uma fogueira muito grande, com bastante madeira, com uns dois metros de altura e a lona era suspensa com bambu. O pessoal dava prenda, frango, peru, leitão, doce e acontecia a festa. Antes da festa, iniciar fazia a reza do terço. Naquele momento, na sala, mesmo tendo muita gente, todo mundo ficava quieto, só o padre puxava o terço. Depois do terço, acendia a fogueira, tinha queima de fogos. Era um acontecimento, ia o prefeito, o delegado, muitas vezes o juiz chegou a ir na festa, era um acontecimento da cidade. Vinha gente de longe pra trazer prenda, e a festa rodava a noite inteira, com sanfona, esse samba de mesa, muita cantiga de viola. Sei que a região ali ficava coalhada de carvãozinho que vinha muita gente. Mas era uma maravilha! Todo ano minha vó preparava aquela festa (Entrevista com Sr. Guilherme Botelho Filho, 61 anos).

Nas regiões do Bangu, na Vila Carvalho e no bairro Santa Cruz, além do “Pau do Urubu”, situadas na maior cidade do Nordeste paulista, encontrava-se esta polifonia presente nos lugares da memória. Sentidos estes que situavam estas regiões como referenciais fortes para capoeiristas, sambistas, passistas, festeiros de reisados e de santos juninos, entre outros sujeitos sociais:

Em frente, em frente à casa da minha avó tinha uma negra que veio de São Paulo para Ribeirão construiu a casa de madeira, com pau Brasil. A vó da Mônica, a nossa vó. Porque eu chamava ela de vó. Porque eu vivia mais na casa de tábua do que na minha casa e essa avó Maria era madrinha da minha mãe. Comadre da minha avó. As duas é Maria. A Maria, mãe da minha mãe e a Maria negra, as duas lavava roupa pra sociedade de Ribeirão Preto. Meu avô era engraxate, meu avô passou a vida inteira engraxando sapato. E essa casinha alí na Camilo de Mattos ainda existe (Entrevista com Sr. Paulo Caldas, 51 anos).

Festa em louvor a Santo Antônio, batuques e escolas de



samba que nasceram nas regiões de grande concentração de negros. Juntamente a reisados, bailes de barraca e batuques, perfazendo lugares de solidariedades e marcando os fluxos de populações e valores entre o interior do estado e a capital paulista:

Tinha batuque, fazia quermesse, queimava, fazia fogueira. O pessoal andava descalço em cima da fogueira, os antigos lá. Andava descalço em cima da fogueira. Eu fui testemunha disso aí, eu era moleque. Eu vi tudo isso, o pessoal de São Paulo aqui. Eram os Teixeira. Eles vieram para Ribeirão, fizeram história em Ribeirão. Esse pessoal também saía na escola de samba dos Acadêmicos. A Dona Jenny chegou a costurar para escola de samba dos Acadêmicos. Ela era costureira do Vai Vai, ela e a irmã dela. Tinha Tia Jenny e tia Cida e tinha a Ione. A tia Cida era madrinha minha, ela e o tio Guilherme (Entrevista com Sr. Paulo Caldas, 51 anos).

Em partes do bairro dos Campos Elíseos, em Ribeirão Preto, também ocorreram festas familiares em grandes quintais, lugares de negros, locais de afirmação de memória e identidade. Lembranças de casas cheias, negras bonitas e de amigos, certamente festividades cujas formas e valores remontavam ao período escravista:

Um quintal grande onde os negros faziam festa, a família toda, a avó, os antepassados, minha mãe, minhas tias, primos, ali criou a família toda, lá eles contam que faziam aquelas rodas de samba, como eu ouvi em Salvador. Assim, aquelas rodas que faziam dos antigos! Assim era a família, tanto que eles sempre gostaram de se ajuntar! Era do negro, era já da África, comunidade, eles gostavam muito de comunidade. Minha avó foi escrava, a mãe do meu pai, meu pai nasceu no dia da libertação dos escravos, da lei Áurea. Encontro de vez em quando com alguém e lembro... Que saudade daquele tempo, tinha os bailinhos, aqueles bailinho.

Dia de natal mesmo a gente amanhecia e dia 24 era aniversário do meu pai, era festa mesmo, as minhas tias iam todas bem vestidas iam os amigos mais chegados. Nossa casa era uma casa cheia! (Entrevista com Sr. Iraci, 78 anos).

Redutos em que se teciam relações de compadrio que são recordados como lugares de “muito preto”, lugares de exceção tanto demográfica, devido à maciça presença dos imigrantes europeus e seus descendentes na região nordeste paulista, quanto lugares de excepcionalidade na interação étnico-racial. Excepcionalidade pelo fato de subverterem a dinâmica de cidades tão marcadas pela discriminação com o bom trato aos sujeitos negros, inclusive por parte de brancos que nestes redutos conviviam:

No Bangu tinha muito preto, tinha o Vavá o pai do menino que tocava bateria nos Bambas é muito amigo do Paulinho, o Vavá a mulher dele a Vanda, tinha o Mário Cegonha que morava ali na fábrica de enxada, na frente havia uma beneficiadora de café a família do homem era português, mas esses aí tratavam a gente muito bem, tanto é que eram compadres da mamãe também. Tinha também a Dona Divina do Terra, a Dona Jenny Texeira (Entrevista com Sra. Maria Caldas “Cici”, 73 anos).

Nestas regiões e, com mais intensidade, nos bailes, festas e outras formas de expressão realizadas pela população negra, apresentava-se um caráter mais flexível das fronteiras étnico-raciais, sob interações mais móveis e fluídas, o que nos permite concebê-las mesmo como, não como fronteiras, mas sim como interfaces étnico-raciais entre negros e brancos:

Era uma festa comunitária, era esse grupo de negros que organizava e era responsável, mas eram convidadas e vinham todas as pessoas do bairro, e de outros lugares, brancos,

negros, tudo! Inclusive na minha casa foi feita sete festas (sete anos consecutivos) durante sete entregas de bandeiras, porque minha mãe tinha feito uma promessa. Então fazia a entrega da bandeira na minha casa e a festa era lá. Era a festa de encontro na minha casa (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Muitos se lembram de festas que tiveram em suas cidades natais, antes de migrarem em busca de melhores oportunidades. Como Sr. João Bento que se recordou da festa de São Gonçalo, “santo negro”, uma festa com “catira” e a dança da “caninha verde”, danças realizadas na cidade de Tambaú, nas décadas de 1930 e 1940:

Lá na minha terra (Tambaú) meu pai fazia dança de São Gonçalo. Meu pai era capelão lá e rezava terço pra todo lado. A Festa de São Gonçalo é o seguinte: monta lá o altar e vem cantando todo mundo, numa fila tudo de casal, homem e mulher, homem e mulher, aí canta. Depois da oração começa a dançar, vai prá lá, vai pra cá e a música: São Gonçalo milagroso, casamenteiro das véia, casamenteiro das veia eh, casamenteiro das véia eh! Este é o primeiro verso que pra São Gonçalo eu canto eh, eh pra São Gonçalo eu canto eh... É feito com viola e sapateava e batia palma o povo e sapateava, quase que nem congada. São Gonçalo é negro também. Fazia a festa de São Gonçalo, acabava lá pra uma da madrugada, aí tinha catira, os homens dançava catira, tinha contra-dança, caninha verde que era na palma também, tinha uma outra parte que dançava que era o desafio que era trocar verso (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

De forma similar ao senhor João Bento, também o senhor João Batista é mais um destes que mantiveram vivas em seu imaginário, como parte de suas referências de identidade, estas festividades com forte cunho religioso, que também aconteciam na cidade de Sertãozinho:

Meu avô tocava flauta e violão na festa de São Gonçalo, inclusive eu acompanhava ele, depois pra voltar era aquele arrependimento! (risos). De madrugada... Aqui em Sertãozinho, tinha São Gonçalo, Folia de Reis (Entrevista com Sr. João Batista, 65 anos).

Estas foram festividades que marcaram a identidade de outros tantos daqueles que migraram para cidades maiores nas décadas de 1950 e 1960 e reinterpretadas nestes novos lugares como referências identitárias:

Tinha o “Zé da viola” que tocava a viola. O povo gostava do Zé da viola, quando eu ia no São Gonçalo tinha uns 14 anos. Era lá na Vila Abranches, meu tio baiano que fazia! Pra você ter uma idéia o violeiro era o Zé da viola, violeiro bom! (pega a viola e canta, toca o ritmo de São Gonçalo). (ta, Tum, tá tará, Tum, tum). Era só violão e viola (faz o ritmo com os pés). Minha tia ela te fala porque meu primo se chama Gonçalo (Entrevista com Sr. Ismael, 53 anos, grifo nosso).

Os referenciais que conformaram as identidades negras ao longo do período em foco foram diversos. Desde as antigas festas familiares e outras festas que congregavam populações de diversas regiões conhecidas como bailes de barraca até as festas mais ligadas ao calendário religioso e às procissões. A partir dos anos 1960, estas expressões culturais vão conviver com outras formas de reunião entre os negros, as chamadas brincadeiras dançantes. Estas brincadeiras dançantes eram reuniões de jovens de diferentes famílias negras realizadas com a utilização de instrumentos eletrônicos e discos, ao invés da produção de ritmos ao som de instrumentos musicais tocados pelos próprios sujeitos. Um formato do qual vão surgir os denominados bailes Black nos anos 1970.

### **Capítulo 3:**

## **As celebrações das identidades: procissões, batuques e brincadeiras dançantes**

Neste momento, antes de chegarmos às brincadeiras dançantes vamos nos ater mais às festas religiosas, procissões e aos chamados batuques, expressões culturais recorrentes em diferentes regiões das cidades.

Como nos informaram alguns depoentes, a exemplo do senhor João Bento, aconteciam festas em diferentes regiões da cidade, nas quais estavam muitos negros. Um destes redutos era no antigo Bangu “naquela baixada da Cava do Bosque” onde era “forte ali a festa de Santos Reis e outras festas dessas” (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos). Desta maneira, na cidade de Ribeirão Preto, o bairro dos Campos Elíseos, o bairro Santa Cruz e a região do Bom Retiro (mais conhecido por muitos por Bangu), foram lugares de difusão destas festas religiosas. Eventos que ocorriam desde o início do século vão conviver com as brincadeiras dançantes que vieram a ocorrer na década de 1960 como referenciais múltiplos na construção da alteridade e das identidades:

Na Camilo de Mattos nós nos reuníamos, na casa da Vó Maria, porque ela sempre foi muito aberta, e ela sempre recebia toda molecada, ela tinha um metro e meio. Na mesma época que fazia as festas de Santo Antônio no Bangu a família Brito fazia as festas na rua Goiás, ali na Goiás era onde se concentrava as festas da família Brito. Fazia muita festa e as festas de São João, São Gonçalo e outras (Entrevista com Sra. Regina Brito, 57 anos).

Paralelamente aos bailes de barraca e às festividades em devoção a Santos Reis, Santo Antônio, São Gonçalo e às diferentes danças, ritmos e demais rituais a estas acopladas, a relação com São Benedito e as procissões foram outra expressão cultural relevante estabelecida como fator de construção de identidades para as populações negras nesta região paulista em foco:

Tinha a irmandade de São Benedito que era bonito, tinha as filhas de Maria... Era misturado, era tudo misturado. Mas é engraçado que comandava mais os de cor como meu sogro, os de cor era mais na irmandade de São Benedito, mesmo na procissão também era mais negro (Entrevista com Sra. Maria Ap. Brito, 82 anos).

Na relação com São Benedito, com outros santos e, até mesmo em práticas aparentemente destituídas de qualquer sacralidade, como nos bailes de barraca, as populações negras constituíram suas interações de forma sempre a firmar o caráter mítico-religioso, a dimensão do mito e da comunidade:

Eu morei na casa que fica em frente à igreja São Benedito. A casa em que fui criada. Então eu e minha comadre, lá tinha muita quermesse, tinha a irmandade de São Benedito que era só de preto. E tinha a novena, aí faziam aquela festa bonita! Tinha os Marianos, eram rapazes negros, os pais eram da irmandade de São Benedito, tinha procissão. Os pais eram da irmandade de São Benedito, os mais idosos, os filhos eram os Marianos. Tinha a novena, nove dias que rezava à tarde, tinha a quermesse no quintal da igreja e um padre que eu nunca me esqueci dele, o padre Cônego Barros. A procissão era bonita, era bonita! Tinha a procissão, tinha o dia de São Benedito, era feriado! Aí vinha a procissão, saía a procissão, dava uma volta em determinadas ruas da cidade, voltava. Aí o Cônego

ia fazer preleção, escoltava, era muito bonito! Eu era menina, e via as senhoras da minha idade, que eu estou com 82 anos. Eu era meninota. As negras velhas iam e cantavam, tinham aquelas músicas bonitas e eu mais a minha irmã branca cantávamos, ficávamos no primeiro banco sentadas lá, era muito bonito! Todo ano era dia sagrado! Depois foi acabando... (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

As procissões constituíram-se enquanto importantes expressões de auto-estima, lugar de demarcação de fronteiras e superação da discriminação étnico-racial:

O dia da procissão era mais lindo, eles carregavam um tipo de uma lanterninha, então a Cida do Bom Retiro falava assim: “Eu não me esqueço do seu pai, ele ia na frente, era muito alto, ele era imponente! Na igreja de São Benedito, da procissão e seu pai ia na frente, entre os negros, tinham duas fileiras era muito bonito!” (Entrevista com Sr. Iraci, 78 anos).

Na dinâmica da discriminação que se efetua no Brasil e também se apresenta no nordeste paulista e triângulo mineiro, a relação dos negros com suas manifestações socioculturais foram obstruídas por diferentes ações. Uma delas foi a paulatina segregação dos negros da igreja de São Benedito, de forma silenciosa e discreta, porém percebida por muitos:

Mas depois os brancos foram invadindo. Conclusão: um dia desses dei uma passada lá em frente e disse, faz tanto tempo que não entro aqui, nós entramos, mas os brancos tomaram conta. Os negros foram se afastando, perdemos a igreja! Ninguém... Era uma igreja importante pros negros (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

A percepção da desigualdade por meio de práticas diver-

sas evidenciava-se na relação com as procissões, com os espaços de vida e os demais grupos sob uma espécie de sacralização das relações étnico-raciais:

Contavam essa história sim, pegou fogo no dinheiro, foi aquele reboição! Inclusive minha mãe falava que o prefeito falava, porque o santo era preto, ela dizia. Você sabe que Ribeirão já foi uma cidade muito racista, então tinha uma senhora da família Junqueira, a Sinhá Junqueira, dizia que negro tinha que andar na sarjeta, na rua, não na calçada. Naturalmente ela não se conformava, porque quando saiu a libertação os escravos foram se levantando, e ela tinha essa coisa com o negro, que tinha que andar na sarjeta, que negro isso e aquilo. Meu pai ainda tinha isso na mente, ele colheu muito café, aquela coisa, levou aquela vida de quando os escravos trabalhavam de graça na chibata né, ele não andava na calçada! (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

Relação esta em que as desigualdades e as expressões de força e auto-estima dos grupos destacavam-se pelo poder mítico, na simbolização permeada pela dimensão do sagrado. Processo que se dá com o mito do poder do negro santo e a efetivação da justiça no castigo aos membros de grupos sempre dispostos a efetivar a opressão. No caso de São Benedito, este visto como um antepassado, cuja respeitabilidade e o poder mítico transcendiam até mesmo o poder econômico dos coronéis, castigando-os quando necessário:

Até minha mãe contava que na Mariana Junqueira, perto da Cerqueira César, a procissão passando, o padrinho dela tava na janela e disse: “tanta gente atrás desse negrinho”. Minha mãe diz que quando o Santo subiu a Barão do Amazonas a casa dele pegou fogo. O bombeiro era ali perto, na Duque de Caxias e ele gritava: “água na burra”!... que era onde guardava o dinheiro, pra salvar o dinheiro. Era São Benedito que ia na frente, inclusive na procissão de todos os Santos



(Entrevista com Sra. Jenny, 77 anos).

O santo forte, o antepassado poderoso e a beleza das procissões como rituais de efetiva participação de negros, são representações que traduzem uma narrativa a apresentar a força e a altivez dos afro-brasileiros como seres humanos plenos e capazes de enfrentarem os desafios na defesa de sua dignidade. Esta relação íntima entre santos católicos, as celebrações diversas e a constituição das identidades negras foi importante também em outras localidades, como o que ocorreu na cidade de Batatais:

Chamava Igreja do Rosário dos Homens Pretos. As mulheres da roça vinham e iam pra essa igreja. Ali elas dançavam, elas rezavam, elas cultuavam... Tinha São Benedito, Santa Margarida e Nossa senhora do Rosário, tinha três santos no altar. Vinha muita Congada, muito Moçambique de Minas Gerais pra cá. Ali na igreja era usada pra colocar urna de votação, e os negros ir lá votar (logicamente porque os brancos não ia entrar lá) pra votar pro coronel. E eles sabia quem não votava. Ali onde é a rua José Augusto Fernandes chamava rua do outro mundo, então fulano não votou em mim, você vai passar lá na rua do outro mundo, porque já tinha alguém pra matar ele lá na outra rua, rua do outro mundo (Entrevista com Sra. Izabel, 43 anos).

A “igreja do Rosário dos Homens Pretos” foi lugar onde a população negra tanto tinha suas referências identitárias com celebrações para os santos negros, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e para o estabelecimento de vínculos com negros e práticas de outras localidades e estados. Porém, neste lugar também sentiam a opressão racista e a imposição da vontade político-eleitoral dos chefes políticos locais. Em um ambiente racista como se constituiu

Batatais, na terceira década do século XX, foi derrubado este marco da memória dos negros locais, a igreja de Nossa Senhora do Rosário:

Porque tinha a igreja dos escravos aqui, onde era a câmara aí, em 1925, desmancharam ela, por causa de uma briga política. Mas também não iam deixar uma igreja que foi dos escravos no centro da cidade, uma cidade conservadora e... Racista (Entrevista com Sra. Izabel, 43 anos).

Como um dos locais de construção de identidade e de construção dos referenciais de sociabilidade para os negros batataenses, representou uma perda concretizada na percepção da falta de familiaridade com outros espaços, como a igreja matriz:

Essa igreja dos pretos era importante, porque na igreja matriz não entrava negro. Então as negras vinham das fazendas com o carro de boi com tudo e a família inteira e quando chegava na matriz não entrava. Na Igreja de Bom Jesus da Cana Verde, até hoje você pode contar os negros lá. Não é proibido, mas é um lugar onde não se tem familiaridade (Entrevista com Sra. Izabel, 43 anos).

Entretanto, mesmo com a demolição da “Igreja dos Pretos” por volta de 1925, quatro décadas depois, os negros locais ainda tinham em sua memória as expressões culturais como Congadas e Moçambiques, realizados e trazidos de Minas Gerais para Batatais na década de 1960. Mas também podemos apontar a presença destas expressões e das festas de São Gonçalo nas periferias da cidade até os primeiros anos da década de 1970:

Só vi uma Congada e Moçambique na terra do meu pai. E

uma vez teve uma apresentação aqui. Aqui tinha a festa de São Gonçalo com a Dona Luzia Paredão, outra senhora. Das melhores que eram feitas com a família Paredão, Dona Luzia, Dona Geralda, era uma festa tradicional, era muito forte com meus nove, dez anos (Entrevista com Sr. José Osmar, 61 anos).

Referenciais buscados por organizações negras de Ribeirão Preto, mais particularmente o “Clube José do Patrocínio” que, na década de 1980, conseguiu incluir estas expressões seculares das populações negras no calendário cultural oficial de cidade desde então:

Hoje nós temos como parte do calendário festivo oficial da cidade a festa de reisado, Congadas e moçambiques. De onde isto partiu? Surgiu no José do Patrocínio, no departamento cultural com o Pedro Paulo, a Ádria e outros, fazer algo para enaltecer, que além da capoeira e tal. Vamos trazer Congada, porque nós temos que mostrar pro povo uma manifestação que é de origem dos negros escravos e de origem africana. Vamos fazer com que Ribeirão Preto conheça essa manifestação, trazer também umas companhias de Reis pra cá, porque tinha algumas. Pintou a idéia e fomos ver, nesta região de Santo Antônio da Alegria, Altinópolis é o foco. Fomos falar com a Secretaria da Cultura pra patrocinar pelo menos condução e alimentação (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 60 anos).

As procissões, batuques e as festas das famílias negras remontam a tempos distantes, expressões de identidades realizadas ao longo de todo período de vigência da escravidão. Estas festividades religiosas em geral, percebidas como representação “da força da raça”, como também, lugares de ensinamentos aos mais jovens que posteriormente reinterpretaram estes valores e representações em outras formas culturais como os blocos de carnaval:

São Gonçalo, Catira, tinha tudo isso e quem puxava Catira era o papai. Meu padrinho era violeiro, quando toca catira na televisão lembro do meu padrinho. E o Brito sempre acompanhava desde mocinho, era tão bonito! Era costume dos negros desde a escravidão, como minha avó que era então vai passando, eles gostavam de terço, então eles cantavam, mesmo na senzala não fizeram calar eles, que força de raça! (Entrevista com Sra. Iraci, 78 anos).

Muitos negros que se tornaram passistas nos blocos de carnaval e escolas de samba, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1960, iniciaram seus primeiros sapateios entre violas e pandeiros, ao ritmo do cateretê e outras danças:

Tinha um tal de João de Pé Grande, tinha um puta dum pezão, um Goiano, lá na Silveira Martins. Tava sempre bravo, forte pra chuchu este João Pé Grande. Aconteceu uma coisa assim: tava faltando um para poder completar, para completar a parceria para poder dançar o cateretê, então, eles sabia que eu gostava demais, me chamaram, eu carcei a botina e fui lá no meio também, eu tinha meus 10, 11, 12 anos e pisei no pé do João Pé Grande, aí ele chamou meu pai e falou: “Jaquenino, tira esse moleque daqui senão eu vou dar uns tapas nele agora mesmo”. Eu dizia: “deixa eu dançar aqui”, aí eu maneirava um pouquinho. O cateretê..., era bonito de dançar o cateretê, um cateretê mesmo consagrado. Tudo na base da viola e do pandeiro (Entrevista com Sr. Francisco, 81 anos).

Nas festas de Santos Reis, nas louvações a São Gonçalo e outros santos, muitos negros no nordeste paulista iniciaram suas primeiras alegorias que, mais tarde tornar-se-iam base para evoluções pelas ruas centrais das cidades, como passistas nos blocos de carnaval. Assim como se deu com senhor Raul, pai de uma de nossas entrevistadas (Dona Lourdes) e com o senhor Francisco Brito, que do alto de

seus mais de oitenta anos rememorou que “ainda molecão gostava de imitar o palhaço da Folia de Reis” e, quando adulto tornou-se passista no bloco carnavalesco dos Bambas em Ribeirão Preto, onde também lembrou que “fazia parte, e era dos bons” (Entrevista com Sr. Francisco, 81 anos).

Esta realidade da dinâmica cultural é distante da percepção daqueles que procuram em uma identidade negra essencial, com fundamentos apenas em uma cultura africana idealizada ou em qualquer substrato sociocultural estático. As identidades, assim como os elementos culturais que os grupos mobilizam para concebê-las, também são fruto de reconstruções. Neste sentido, são diversos os caminhos a encontrar para estabelecer lastro político de construção das identidades, assim como para a superação da opressão psíquica e física do contexto racista a sufocar os indivíduos e grupos:

As manifestações discriminatórias porque tenho os lábios grossos, o nariz chato, a pele escura, o cabelo crespo... Nossa eu tenho dezenas e dezenas de episódios que são situações revoltantes mesmo! Chegando ao ponto da informação de que se nós não tivéssemos a imposição da religiosidade, da religião, certamente eu teria uma orientação religiosa bem diferente desta que eu tinha. Teria uma orientação religiosa de um país africano muito provavelmente, então comecei a observar o resultado desta imposição (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

O material que compõem as identidades é múltiplo. No caso das populações negras as identidades também são substantivadas por seus antepassados africanos, entretanto resulta de vivências múltiplas e da circularidade cultural que os grupos experimentam ao longo de suas vidas em

contato com outros grupos presentes nos contextos. Todos estes grupos também dialogam com as condições políticas e econômicas para constituírem seus referenciais, os materiais das identidades, memórias e da historicidade destes.

Para os negros desta região nordeste paulista, além de seus próprios referenciais provenientes de séculos anteriores com as reinterpretações dos conteúdos socioculturais, os diálogos com as culturas dos descendentes de europeus e as condições de minorias demográficas durante o século XX no interior paulista foram fatores importantes a influenciar suas identidades ao longo das conjunturas. Como o fato de compartilhar o convívio com outros grupos étnico-raciais em espaços de trabalho, em seus logradouros e também nos rituais religiosos das procissões:

O finado meu avô participava da irmandade de São Benedito, eu me lembro que nas procissões ele usava uma túnica e uma lanterna, as mulheres negras também iam, me lembro que gostava de ver meu avô no meio daquele povo lá! Eu achava bonito! (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

Com estas considerações, voltemo-nos às demais festividades e às brincadeiras dançantes. Nos anos 1960, as famílias negras ainda faziam acontecer suas grandes festas de terreiros. Porém, foram assimilando novos instrumentos e espaços, neste caso os aparelhos de som e os Long Plays (LPs). Entretanto, com a manutenção de princípios básicos da comunhão, da comida farta e da alacridade (princípio da alegria) que compõem a consumação, a realização do grupo no aqui e agora do existir, muito distante das regras de etiqueta (bons modos), individualismo e ostentação das formas culturais burguesas:

Minha grande família era grande mesmo! Era dez tios, cinco homens e cinco mulheres, além dos primos de meu pai que eram considerados tios como o finado Tila, o finado Zé Bataclan, o Zé Toquinho. Então tinham as reuniões quase todos os domingos na casa da finada minha avó, lá nos Campos Elíseos, na Marquês de Pombal. Era aquela negrada, aquela coisa gostosa mesmo de curtir. Então essa coisa de reunir, de reuniões de família, ela é muito forte no nosso meio (...) E sempre fazendo batucada, cantando, tomando a cervejada, as crianças, por exemplo, tomavam cerveja misturada com guaraná, então era muito gostoso a batucada e tinha os discos! Os discos de vinil e tinha uma pick-up dos meus tios, depois do almoço, tirava os móveis pra todo mundo dançar (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

As expressões como as festas familiares e/ou as festas religiosas e os bailes de barraca constituíam-se como lugares de aprendizado e liberdade de expressão. Fatores permanentes no cotidiano destas famílias negras que assim realimentavam continuamente o fluxo de valores e concepções, valores posteriormente reformulados pelos mais jovens na elaboração de outras formas culturais e de afirmação de suas identidades:

Crescemos neste ambiente, vendo os pais dançando, os pais cantando. Minha mãe, por exemplo, minha mãe cantava muito, gostava de ver, ela ficava lavando roupa e ficava cantando com uma afinação impressionante e melodias bonitas. Meu pai cantava na hora do banho, meu pai entrava no banho e começava a cantar. Gostava daqueles sambas antológicos, gostava muito daquela “saudosa Mangueira”, sambão da Mangueira dos homens da comissão de frente: ah Mangueira, minha saudosa Mangueira, eu deixo pra cantar este samba mais, a luz do Lampião, e as cabrochas num alto delírio com os pés no chão... Sabe, eu era menino e ouvia tudo isso!! Bonito, coisa bonita! (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

Entretanto, muito antes das pick-ups e vitrolas tomarem conta dos bailes, as populações das periferias, onde encontrava-se a maior parcela dos negros, realizavam seus bailes com sanfonas, pandeiros e bumbos, os bailes de barraca. A partir destes bailes de barraca podemos perceber também as distinções de bairros de maioria branca como a Vila Tibério, onde os negros evitavam ir:

Todo sábado tinha muito baile de barraca, você podia até escolher. Naquela época a gente só evitava ir pra Vila Tibério, o pessoal de lá era tudo que trabalhava na Antártica e vivia melhor, aqui era os “pé de chinelo”, aqui e no Pau do Urubu era os mais pobre mesmo. O baile de barraca predileto mesmo era ali na Rua dos Aliados, na casa de uns negros, o nome deles é Jacó, antes de chegar na Costa e Silva. Ali tem uns crioulos que dava uns bailes muito gostoso. Ali ia tudo mundo, branco, preto, era tudo mundo muito pobre. Precisava jogar água pra baixar a poeira, o pau comia. Era surdo, pandeiro, sanfona e às vezes aparecia um violão, naquele tempo não tinha vitrola ainda. Nos Bailes dos brancos, os negros não entrava. Na Dante Aliguieri, no Palestra, Regatas... (Entrevista com Sr. Nascimento, 67 anos).

Neste contexto, podemos perceber que os bailes de barraca, antes realizados no espaço rural, vieram como outras referências importantes na construção das identidades e das particularidades culturais de muitos negros que migraram para as cidades do nordeste paulista nos anos 1950 e 1960, na cidade de Ribeirão Preto, por exemplo:

Meu pai era o seguinte: era pandeirista, tocava pandeiro como ninguém e fazia os bailes também, organizava os bailes no antigo Piripau, depois da atual Vila Abranches. Meu pai colocava eu pra tocar pandeiro, com 4 anos eu já tocava pandeiro em baile de barraca, toc, toc, toc, toc toc, toc. Mas



quando ele pegava no pandeiro e cantava não tinha pra ninguém, os sanfoneiros tinham que acompanhar o véio! (Entrevista com Sr. Ismael, 53 anos).

Estes são fragmentos ricos, reconstituídos enquanto lembranças destas expressões culturais que ficaram na memória de negros como o senhor Ismael que aos quatro anos de idade, nos anos 1950, “era pandeirista” com seu pai e nos anos 1970 utilizou como substrato simbólico estes momentos para a organização de sua equipe de som e de seus bailes Black Power ao som de aparelhos eletrônicos e Lps. Aqui umas das canções do pai em sua infância:

O véio cantava: “Cadê minha vaca manhosa, cadê minha vaca manhosa, já procurei ela na estrada e não encontrei a danada. Foi, foi, foi, minha vaca manhosa fugiu com o boi”. O pandeiro dele, ele batia o pandeiro aqui, você escutava lá no outro arraial! Porque tudo que eles faziam era com força... Os sanfoneiro e aquela terra subindo, era louco! (Entrevista com Sr. Ismael, 53 anos).

O pandeiro do pai, que atravessava o arraial depois transformado na potência dos alto-falantes, que ecoavam pelos bairros da cidade nos bailes. Elementos presentes na luta e na importância de se realizar os bailes Black Power na mesma dimensão da importância daqueles antigos bailes de barraca, também relevantes para negros em outras tantas cidades como Batatais:

Tinha um sacrifício com certeza. Porque tinha que cuidar da casa da patroa, fazer janta, arrumar cozinha, pra depois se preparar pra ir pro baile. Nos bailes tocava três acordes sempre, em cima desses três acordes vinham o pandeiro e o violão. Porque o violão era de quem não fazia nada, era coisa considerada de quem não gostava de trabalhar, então tocava

violão né? Então esses eram os instrumentos, pandeiro, acordeom de oito baixos e o violão (Entrevista com Sra. Izabel, 43 anos).

Bailes que desde os tempos remotos da vida nas fazendas explicitavam disputas e desavenças entre negros e brancos, como os bailes rememorados pela senhora Madalena quando esta morava em Orlândia:

Num baile em uma fazenda, um baile de barraca no meu tempo, os negros chegou, aí os brancos falaram: “escureceu”! Os negros falaram assim: “Agora clareou”! E pegaram assim o pau da barraca, jogou a barraca pro chão acabou com tudo! O sanfoneiro saiu e povo correndo e os negros soltando bala, e gritava: “clareou”! (Entrevista com Sra. Madalena 79 anos).

Bailes e brincadeiras dançantes que produziram a manutenção das relações de comunidade, de lugares, personagens e eventos importantes. Como os ocorridos entre os negros de um antigo reduto de afro-brasileiros em Ribeirão Preto, o Bangu:

O avô do seu Oscarzinho é de lá do Bangu. Tinha um padrinho que deu um terreno pra dividir o terreno com outros. O terreno era na Henrique Dumont, a mãe da Divina eu lembro dela porque ela ficava na janela todo dia! No Bangu tinha brincadeira, ali morava a mãe do Elias, a dona Ilda, o pai do Gera, o Tininho que tocou no meu casamento. O Tininho usava bota ortopédica. Um dia eles foram no cemitério e fecharam o cemitério com o Tininho lá dentro. Quando o Tininho viu ele tava lá preso (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

Neste contexto, os bailes de barraca foram percebidos enquanto momentos de reunião de famílias negras para

celebrarem a vida. A festa como um valor fundamental de afirmação da alteridade e das identidades negras no Brasil. Diferenças e sinais diacríticos reafirmados e percebidos nos diversos formatos de bailes. A festa rememorada com outro de seus elementos fundamentais, a dança:

A diferença dos bailes de negro e de branco era a animação! No baile de branco a orquestra pode ser a melhor, mas ninguém dança, fica todo mundo sentado, você vai no baile de preto, a orquestra começou tocar, não fica um sentado! (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

Entre os decênios de 1950 e 1970 ocorreram transformações na construção das formas identitárias. Transformações suscitadas pela intensificação da urbanização, pela difusão dos meios de transporte, como também pela introdução de novos recursos tecnológicos e meios de comunicação de massa utilizados pelos grupos em geral e pelos grupos negros em suas expressões. Em meio a estas mutações foi que surgiram as brincadeiras dançantes, novas expressões da alteridade para diferentes grupos étnico-raciais, inclusive para os negros. Estas reuniões ao som de vitrolas e discos possibilitaram a geração de muitas representações e narrativas na lógica das identidades.

## **Capítulo 4:**

# **As brincadeiras dançantes e os grupos de arte e cultura: novas performances das identidades negras**

Paralelamente à ocorrência dos bailes nos arrabaldes e às celebrações de cunho religioso, aconteciam as reuniões festivas denominadas brincadeiras dançantes, “onde se encontravam os paqueras, os amigos, ‘momentos de estar com todo mundo’” (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos). Este formato de reuniões aconteceu em diferentes cidades da região e do Triângulo Mineiro, sobretudo a partir dos anos 1960:

Fazíamos brincadeiras dançantes nas casas. Aí era com amigos negros, não eram do grupo de jovens. Eram do círculo das famílias negras, nossos pais se conheciam e através dos pais os filhos se conheciam. Chegavam a trinta, quarenta amigos, geralmente aos domingos (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).

Estas brincadeiras dançantes possuíam um caráter mais fechado que os bailes de barraca (inicialmente realizadas apenas para famílias de “conhecidos”), pois denotavam relações entre segmentos dos grupos negros mais antigos com vínculos já estabelecidos em períodos anteriores. Entretanto, se tornaram grandes eventos com participação também de negros fora dos círculos das antigas famílias. A partir destas reuniões denominadas brincadeiras dançantes organizavam-se outras atividades:

A gente lotava um ônibus de final de semana e ia fazer piquenique lá na USP, ficávamos lá, ouvi música, dança, a gente

lotava um ônibus, chegava a ir mais de sessenta pessoas, desde 1965-66 até 1970 (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

Da capacidade criativa e da falta de opção surgiram estes lugares de sociabilidade, reconhecimento e valorização da imagem dos negros. Destas brincadeiras dançantes, além dos piqueniques e excursões para bailes e outras realizações de afro-brasileiros em diferentes cidades, foram geradas outras organizações como os grupos de teatro, grupos voltados para artes diversas e para debater a condição destas populações:

Deste grupo surgiu o grupo Quênia, o que era o grupo Quênia? Era pro pessoal estar discutindo a questão racial, esta questão racial foi fundamental na discussão dos jovens. Por que, o que acontecia em Ribeirão Preto? Em Ribeirão Preto os Clubes não aceitavam os negros: O Palestra, o Regatas, o Ipanema, Caiçara, Recreativa nem pensar... (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).

Em Ribeirão Preto, constituiu-se como uma das principais fontes da qual se originou o grupo Quênia, que esteve presente nos debates para a constituição do Clube Negro José do Patrocínio, em 1971:

Um dia nós conseguimos fazer estes dois grupos se reunirem e discutir por que não a gente pegar um terreno da prefeitura, pedir um terreno da prefeitura e fazer o nosso clube? Foi daí que saiu o Patrocínio e a diretoria foi formada por elementos do “13 de Maio” e do “Quênia”. Na época o prefeito era Duarte Nogueira (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).

Neste bojo, as brincadeiras, os “grandes bailes” com negros em trajés “muito chiques” e as demais realizações

destas organizações, contextualizaram narrativas identitárias que possibilitaram a estas populações serem “bem vistas”:

Isso aí era o ponto chave, porque era assim impecáveis, todos andavam de terno, não só na época do meu pai, mas na minha época, os rapazes de terno social mesmo, eram muito chiques. As mulheres também mandavam muito, muito bem, então era um clube assim muito bem visto (Entrevista com Sra. Judite, 55 anos).

No entremeio de outras atividades, negros se conheciam e se reconheciam. Em jogos dos times, nas festas diversas ou em ensaios de escolas de samba, entre outras expressões culturais, geravam-se as possibilidades de estabelecer vínculos e constituir novos formatos para a afirmação da alteridade, com novos reconhecimentos propiciadores até mesmo da formação de laços matrimoniais:

Fui assistir um ensaio do Acadêmicos da Vila Paulista, escola de samba do Durão no pátio da Cava, ali no Bangu, isso foi em 1965 e meu irmão já conhecia um monte de gente ali. Todo mundo vinha conversar comigo. Por ali eu comecei a conhecer o pessoal. Ali tive contato com o Oripinho e Filó, filhos do Tininho, o pessoal do Mário Cegonha e mais um tanto de gente negra. No Bangu, ali eu conhecia algumas pessoas, inclusive a minha primeira esposa e surgiram outros casamentos não só o meu, dali do grupo, onde eram todos negros (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

As diferentes formas de concepção das identidades encontradas faziam-se acompanhar de novas criações. Nas brincadeiras dançantes em Ribeirão Preto, por exemplo, os jovens divulgavam suas “notícias” semanais através de pequenos murais nos quais, de maneira divertida, todos se

tornavam visíveis. Aqui se explicita mais um aspecto fundamental de subversão da lógica hegemônica e fortalecimento da autoestima. A festa, evento social de valorização interpessoal a partir da geração de possibilidades de reconhecimento do outro pela exposição positiva de sua experiência de vida, sua humanidade e alteridade. Desta forma, nas brincadeiras dançantes estas possibilidades de valorização da alteridade multiplicavam-se:

A gente datilografava umas duas ou três folhas, chegava na festa antes e pregava com durex na parede da casa, todo mundo queria ver pra saber a fofoca da semana, então era um chamariz também. Todo mundo queria ir na festa pra saber a fofoca da semana, então além do gostoso de irmos pra um local pra dançar, pra se divertir, ouvir uma música pra ver as meninas e as meninas nos verem, também tinha essa coisa, o que será que virou notícia? Nós que éramos responsáveis pelo jornalzinho não abríamos o jogo e a gente falava assim: “o jornalzinho essa semana vai estar quente!” (risos)  
(Entrevista com Sr. José Antônio, 61 anos).

Sob este olhar, podemos apreender danças, musicalidade, afetividade e diversão presentes no jogo de construção das identidades. Exposição positiva reverberada de forma mais acentuada pelos jornais murais onde pequenos fragmentos do vivido destas pessoas, antes invisíveis, eram positivados e tornados fatores de mobilização grupal:

Um dia, o meu irmão mais velho começou a fazer jornalzinho para distribuir nas brincadeiras dançantes. Começaram fazer fofoca, fulano está namorando com cicrana, está dançando mais um e outro assim. Durante a semana, juntava as fofocas, as conversas e na brincadeira de domingo fazia um muralzinho e punha lá as notícias da semana, com isso as brincadeiras ficaram mais convidativas, com isso (Entrevista

com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

Com estas estratégias, as brincadeiras dançantes passavam a ser espaços de prazer, lugares de onde se construíram amizades e interações diversas. Espaços nos quais aqueles que tinham possibilidade investiam seus recursos financeiros, além de seu prestígio social, expresso na/pela própria dinâmica destas formas identitárias:

Nessas brincadeiras dançantes conheci Pedro Paulo, Ádria, e as brincadeiras tinham assim... As mais gostosas eram na casa do Capitão Paulo, era muito gostoso as brincadeiras no Capitão. Olha este aparelho aí, antes desse eu cheguei a comprar uma pick-up para melhorar as brincadeiras dançantes, eu trabalhava no comércio era solteiro, precisava de um aparelho de som comprei porque as brincadeiras tinham aquela sonata, era o som da moda, fácil de carregar, chegava lá era só abrir a tampinha era só por na tomada e por o disquinho lá. Então comprei discos compacto de duas ou quatro faixas, comprei muitos discos só pra levar nas brincadeiras dançantes (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

Estas brincadeiras dançantes foram geradas na confluência de diversos fazeres negros. Organizavam-se tanto a partir dos logradouros da população negra quanto dos pontos de encontro, lugares de reunião e trocas, fruto da territorialidade negra em regiões centrais das cidades:

Ali no Bangu o pessoal era animado, ali na casa gente se encontrava muito na Rua Patrocínio esquina com a Rua Dom Alberto Gonçalves, na casa da Marta e da Márcia, elas eram um ponto de encontro também. A gente se reunia na casa do Beni, filho do finado Bentão, também. Na cidade, nós nos reuníamos no que a gente chamava de “roda viva”, na Rua Duque de Caxias esquina com a Visconde de Inhaúma. Todo santo dia tinha alguém da turma ali, principalmente eu, o Beni e o Carlinhos, a gente ficava ali de olho em tudo que rolava pra bolar os jornalzinhos no sábado nos barzinhos. No conteúdo do jornalzinho fazíamos comentários sem citar



nomes, de gafes, situações engraçadas, elogios, parabéns, paqueras (Entrevista com Sr. José Antônio, 61 anos).

Como colocado anteriormente, estes grupos de jovens negros reunidos aos finais de semana, além de crescerem em número de adeptos, e de seus jornais murais, também diversificavam suas atividades, com piqueniques, excursões para bailes na região e as encenações teatrais:

A gente fazia passeios e piqueniques, bolamos uma peça em cima do samba do Jorge Ben Charles Anjo 45. A idéia da peça era divulgar o grupo, mostrar que o grupo não era só pra dançar, que era um grupo que tinha outras preocupações, desenvolver atividades culturais, trazer a gente pra uma postura mais consciente de conquistas de espaço, ficou muito bem evidente estes objetivos, isso aconteceu em 1965-67 (Entrevista com Sr. José Antônio, 61 anos).

Para a estruturação destas atividades confluíam diferentes referenciais. Tanto as antigas experiências dos grupos de festival de cultura e teatro realizados pelos mais antigos, quanto conteúdos advindos do próprio contexto dos anos 1960, com a ascensão de negros no mundo artístico expresso pelas diferentes mídias como Wilson Simonal, Jorge Ben e Jair Rodrigues:

Na época essa música era introduzida pelo Jorge Ben e pelo Caetano Veloso num ritmo bem gostoso de dançar: “Oba Oba, Oba, Charles, como é my friend Charles? Anjo 45, protetor dos fracos e dos oprimidos, Robin Hood dos morros, rei da malandragem, um homem de verdade com muita coragem, só porque um dia, Charles marcou bobeira e foi tirar sem querer, férias numa colônia penal. Então os malandros otários, deitaram na sopa, e uma tremenda bagunça nosso morro virou, pois o morro que era um céu, sem o

nosso Charles um inferno virou, ô ô ô ô oh. Mas Deus é justo e verdadeiro, antes de acabar as idéias nosso Charles vai voltar, para alegria geral todo morro vai cantar. Vai ter feijoada, uma missa em ação de graças, uísque com cerveja e outras milongas mais, muita queima de fogos e saraivada de balas por ar, pra quando nosso Charles voltar, e o morro inteiro então feliz assim vai cantar, oba oba oba Charles, como é my fryend Charles” (Entrevista com Sr. José Antônio, 61 anos).

Com a reinterpretação de todos estes referenciais é que se tornou possível, a partir destas reuniões ao som de vitrolas e Lps, ao longo dos anos 1970, a difusão de outras formas de expressão identitária. Uma dinâmica em que as experiências dos jornais murais, danças e incipientes apresentações teatrais tomaram vulto e foram estabelecidas como organizações diversas como os Bailes Black e os grupos de teatro:

A primeira leva, nós fazíamos as reuniões todos os domingos, o alicerce do Grupo Travessia, vamos ao início. Na época, a gente tinha um jornal e passava no mimeógrafo (isso em 1975) e eu era o responsável pelo jornal que a gente fazia. A gente elegia os dez melhores do ano. Tinha a negra mais bonita, o negro mais bonito, o melhor anfitrião essa era a base e no jornal a gente fazia os comentários sobre os dançarinos, tinha o Rubisnei, o Reginaldo (Entrevista com Sr. Aluizio “Caju”, 50 anos).

Os grupos de teatro, ainda incipientes no final da década de 1960, tomaram formas mais consistentes ao longo da década de 1970. Estes que antes de ocuparem diferentes espaços urbanos e instituições com suas performances, tiveram as reuniões dançantes como lugares privilegiados de suas encenações:

No começo a gente começou a fazer na Academia do Cativeiro mesmo a gente não tinha... Nós ensaiávamos lá na academia do Cativeiro que era lá na Saldanha Marinho, e depois... Nós começamos lá, aí que nós passamos pro José do Patrocínio. As brincadeiras dançantes, essas brincadeiras também era motivo da gente se reunir, aí o Pedro Paulo chegava antes, fazia tudo, montava antes, montava todo um cenário, a cada casa montava. Muita gente foi pro Travessia por causa dessas brincadeiras dançantes conhecendo o nosso trabalho, conversado, fazendo alguma coisa (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos).

Em Ribeirão Preto, estes jovens que faziam as “brincadeiras dançantes” e encontravam-se nos pontos de negros, realizavam outras atividades como piqueniques, fretavam ônibus para excursões para bailes em Araraquara e outras cidades, como também organizaram o Grupo Quênia e estão nas origens do “Clube Negro José do Patrocínio”, fundado em 1971:

A Dona Sebastiana era amiga da gente e era uma referência pra gente. Vinha o pessoal dos Campos Elíseos, da Vila Seixas, Vila Virginia, do Bom Retiro e fazia brincadeira dançante! Este pessoal que lotava um ônibus urbano e ia pra USP fazer piquenique, ia também um pessoal de bicicleta, e o pessoal que morava mais próximo ia a pé também e levava as coisas (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

O Quênia, surgiu como um grupo de jovens da cidade de Ribeirão Preto com seus questionamentos acerca da marginalização das populações negras no contexto dos clubes e outros espaços sociais. Por outro lado, apresentou-se como atuação para gerar atividades culturais variadas:

Uma Chácara que nós utilizamos muito foi daquele vereador

que depois foi deputado. Foi um período bom da nossa juventude, a gente esbarrou nos mais antigos, eles diziam: então quem tem que coordenar os trabalhos são os negros mais velhos. O Quênia era um movimento dos adolescentes da cidade, era pra suprir necessidades nossas de atividades tanto cultural quanto de lazer, porque nós não tínhamos pra onde ir. Então nós alugávamos a chácara daquele deputado, (fulano) pra ter essas atividades de lazer pra esses jovens (Entrevista com Sra. Regina Brito, 57 anos).

Movimento de adolescentes que, junto aos mais velhos, atuaram para criar um clube para usufruto dos negros. Neste contexto foi que conseguiram o terreno em meio a contatos com o prefeito Duarte Nogueira, prefeito este que os relatos demonstram ter sido o político mais próximo das populações negras na cidade de Ribeirão Preto:

O Quênia começou quando a gente já estava com 17-18 anos. As reuniões do Quênia eram lá na casa da Ádria. Inclusive a idéia desse Quênia era criar uma piscina, um clube pros negros. Conseguiram a área do José do Patrocínio e os negros faziam mutirão, faziam feijoada pra levantar o clube, nós íamos pra lá no fim de semana (Entrevista com Sra. Marli, 57 anos).

Alguns afirmam que o Clube José do Patrocínio de Ribeirão Preto desenvolvia uma atividade restrita apenas a “eventos sociais” sem maior efetivação política. Entretanto, este clube representou uma importante conquista para muitos que se mobilizaram para mantê-lo e ampliá-lo.

O “Clube José do Patrocínio”, fundado em 1971, chegou a ter centenas de sócios de diferentes regiões da cidade e constituiu-se como fator de mobilização da população negra para diversas atividades. Outro ponto a ser ressaltado refere-se ao fato da existência de mais de uma versão para a

fundação desta entidade. Além da versão dos mais jovens, pertencentes ao grupo Quênia, existe outra versão, referente ao entendimento dos mais velhos. Segundo esta última versão, a entidade teria sido formada com base na atuação das escolas de samba locais junto à prefeitura. Provavelmente, as demandas dos mais jovens, sua atuação e a atuação dos mais velhos devem estar no cerne das mobilizações que culminaram com a criação da entidade:

A escolha do José do Patrocínio começou por causa das escolas de samba. Em 1970 nós nos reunimos e pedimos pro Nogueira uma área pras escolas de samba e o Nogueira mandou chamar as escolas e só apareceram o Bambas e o Acadêmicos da Vila Paulista. Os Meninos, os Aliados e os Acadêmicos do Ipiranga não apareceram. Vamos fazer o seguinte, vamos reunir e dar uma área só pra todo mundo. Aí foi onde ele mandou escolher e escolhemos uma área lá no parque. O José do Patrocínio seria a matriz e todos os outros continuavam, mas o povo não se interessou por que tava lá no mato era uma mata lá (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

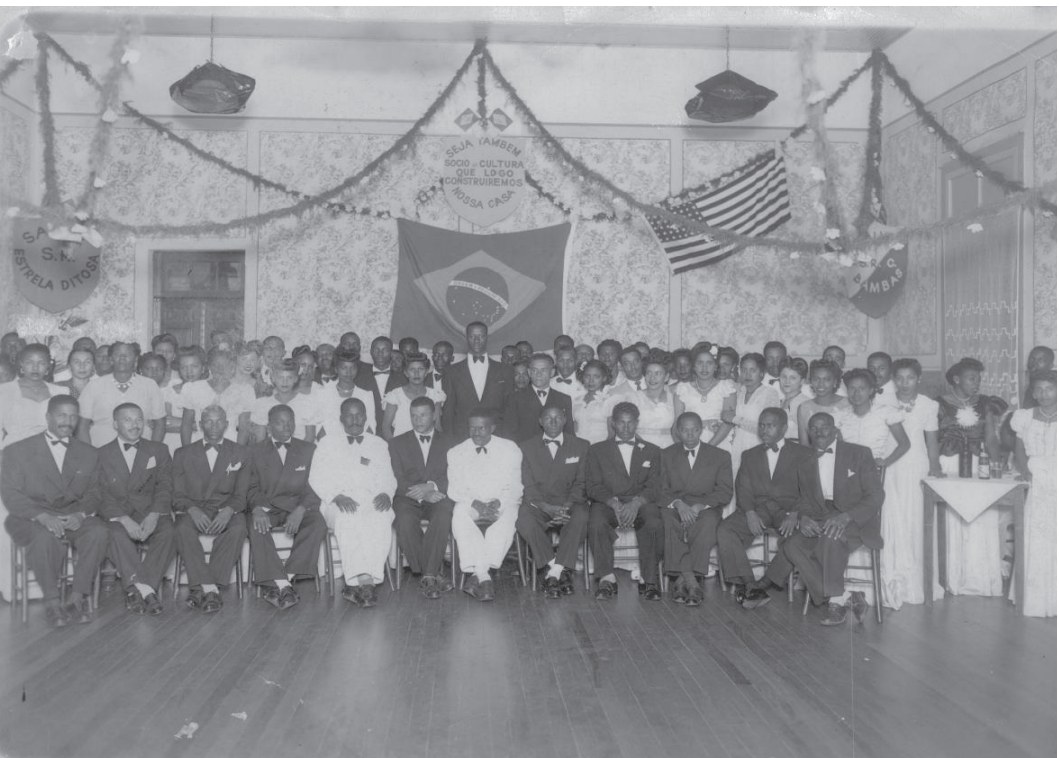
O “Clube José do Patrocínio” constituiu-se como um importante polo de expressão da população negra, com uma atuação intensa até a década de 1990. O clube transformou-se em um lugar de congregação de negros de diferentes regiões da cidade mobilizados em torno de sua construção e sob diferentes expressões culturais como os bailes Black:

Eu me lembro que nós fazíamos festa no José do Patrocínio, fazíamos reunião em casa e no domingo a tarde. Também jogávamos futebol lá no Patrocínio, era tudo terra, um pessoal já ia logo de manhã. Nós entrávamos nos ônibus e ia aquela negrada, aquelas calças boca de sino, cabelo Black Power, saía tudo chique e voltava cheio de terra. O pessoal ia tudo

bem vestido e voltava cheio de terra. E eu me lembro, era tão interessante que nessa época aí, era aquela negrada toda, as mulheres faziam o almoço, aí tinha o almoço debaixo da árvore e aí começava o baile. No baile tocava soul, roquinho de mão, tal, e o interessante é que o Capitão Paulo passava com o fusca dele lá em casa, eu levava uma vitrola e duas caixinhas de som, aquele toca disco. Chegava lá, punha duas mesas e aquilo lotava! (Entrevista com Sr. Aluizio “Caju”, 50 anos).

Foto da capa

Reunião de clubes negros ribeirão-pretanos na década de 1940: em campanha por uma sede própria. Fonte: cedida pela senhora Maria José dos Santos Martins



Um processo de construção rememorado com pessoas suadas, com muita terra e com os discos de vinil ou os batucques a marcarem o tom da festa e da presença das “damas” e do pessoal negro da “cidade inteira”. Pessoas que chegavam por meio de uma linha especial, criada para atender a demanda da população negra. Linha esta, que partia da Praça XV de Novembro aos finais de semana e dirigia-se para a distante região em que se localizava o clube:

Os ônibus saíam ali da Praça XV. E era a festa a tarde toda e era uma coisa maravilhosa! Cada ônibus que chegava, chegava lotado, gente da cidade inteira. Dizia que ia ter piscina e essas coisas, mas do jeito que era já era bom pra nós. A gente fazia estas festas a tarde e era com este disco de vinil. E o interessante é que as pessoas todas suadas e aquela terra, esperavam, com a dama do lado, esperavam por o disco e a dama tava ali, e aí ia até escurecer (Entrevista com Sr. Aluizio “Caju”, 50 anos).

Neste intermédio, encontrava-se também a conformação das fronteiras étnico-raciais, concretizada nas antigas disputas entre negros e brancos pela direção da sede da antiga UGT (União Geral dos Trabalhadores). Esta sede, que foi lugar de eventos culturais da população negra desde a década de 1930 (SOUZA, 2007), foi conquistada no centro de Ribeirão Preto com sua incorporação ao “Clube José do Patrocínio” no final da década de 1970. Quanto à presença dos negros e a relevância da UGT para estes, nos dizeres da senhora Iraci:

Tinha teatro dos negros, eu era criança eu lembro de ter ido, a gente falava festival, a Isabel levava a gente, tinha

pessoas com voz muito boa e em vez de teatro fazia dança e canto (Entrevista com Sra. Iraci, 78 anos).

Neste processo, assim como em décadas anteriores, durante os anos de 1970 e 1990, a antiga UGT representou um grande ponto de expressão de diversas formas culturais organizadas pela população negra, como o Grupo Travessia, o Grupo Cativoiro de Capoeira, os Feconezus, os bailes de gala e bailes Black, além de concursos de beleza. Um verdadeiro polo para a construção do patrimônio histórico-cultural das populações negras de Ribeirão Preto e do nordeste paulista. Na então sede do “Clube José do Patrocínio”, ao longo dos anos da década de 1980, foram realizados anualmente pelo Grupo Travessia os festivais “Batuque de tocaia”, uma expressão cultural referendada também na memória das lutas dos negros escravizados:

O Batuque de tocaia era na realidade usado pelos negros, primeiro que a comunicação de uma senzala à outra através do toque de tambor. Batuque de tocaia na realidade era um encontro que eles faziam para acobertar fuga de negros. Então eles faziam um batuque, tava todo mundo pensando que eles estavam batucando, coisa e tal e estavam fugindo, aí chegavam pra outra senzala, e assim iam até chegar em um quilombo e se estabilizar nesse quilombo (Entrevista com Sr. Luiz Carlos, 55 anos).

Para estes festivais, os membros do José do Patrocínio e do Grupo Travessia conseguiram espaço na televisão e nos jornais para divulgar e dar visibilidade. Evento este cuja visibilidade pautava-se em memórias que remetiam à vitória, estratégias de luta, poder de criação e inventividade, que contava com a presença de grupos da região, da cidade de Campinas e da cidade de São Paulo.



O “Batuque de Tocaia” foi um festival de cultura em que uma das principais preocupações constituiu-se em “desmistificar a visão das expressões culturais negras como folclore”, desconstruir esta concepção tão cara às narrativas hegemônicas. O festival era realizado com diferentes atuações desde o teatro, à poesia até a capoeira e o samba de roda:

Havia a preocupação em desmistificar a visão de cultura negra como folclore. Já tinha roda de poesias, tem declamações, tinha capoeira também, tinha teatro, todas estas ações em um mesmo evento, O Batuque de Tocaia era um festival de cultura, eram três ou quatro dias. Aconteceu durante uns três anos o festival. E era assim, abria o salão, colocavam-se as cadeiras do lado e quem quisesse participava, lotava o salão era muito bonito! Tinha roda de capoeira, a dança... As atrações maiores eram o jogral e a dança, inclusive com grupos de fora, aquele grupo Banda-lá de São Paulo eles vieram, nossa que coisa louca, coisa de arrepiar, com trajes típicos afro, coisa linda, linda, linda, linda! O que eu me lembro do Batuque de Tocaia eram os trajes, as explicações da peça teatral, a roda de capoeira, o maculelê e muita música! (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos; Sr Luiz Carlos, 55 anos).

Um evento em que a sensação de se estar em comunidade somava-se ao orgulho de presenciar tantas atividades de organizações negras a um só tempo. Toda esta programação, sob a regência de um dos grandes líderes da população negra ao longo da história de Ribeirão Preto, o senhor Pedro Paulo da Silva, diretor teatral do Grupo Travessia:

O Batuque de Tocaia era feito em abril, o Pedro Paulo e o pessoal da organização convidava negros de fora que se apresentavam. E tinha tanta gente! Tinha apresentações, fala, teatro, dança, música, apresentação de dança afro e lembro

que tinha apresentação de Congada na Praça XV (que também fazia parte do evento). Lá no Batuque de Tocaia era a comunidade! O Pedro Paulo era a estrela do palco, mas ele não tinha aquela preocupação de aparecer, ele queria que as pessoas aparecessem, ele empurrava a gente pra se apresentar, pra falar, ele queria todos no centro do processo (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Pedro Paulo é reconhecido por diversos depoentes como artífice de atuações pautadas pela afirmação das identidades e das diferenças dos afro-brasileiros a partir da década de 1970. Sua atuação, além do combate ao racismo por meio do teatro, dança e poesia, contava também com a inclusão da capoeira e outras expressões das populações negras, em um visível contraste com padrões identitários pautados pelos padrões eurocêntricos:

Não, eu acho que na minha visão uma das maiores conquistas foi através do Grupo Travessia. Por que o Pedro Paulo, ele era o inverso? O Pedro Paulo veio lá de baixo e pulou pra dentro do grupo. Isso que eu estou te falando aqui, a grande dificuldade dos nossos nego véio de aceitar a gente administrando junto com eles até mesmo depois que organizou o Zé do Patrocínio foi porque o nosso líder, o Pedro Paulo ele era um líder nato o nosso líder foi o Pedro Paulo. O Pedro Paulo pegou os adolescentes, ele e outros, e ele engajou num projeto cultural (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos).

Um sujeito, que era filho de uma mulher sozinha, conseguiu subverter as normas da exclusão e tornar-se um líder autodidata. Com apenas o quarto ano primário, conduzia espetáculos diversos e mantinha contatos com diferentes segmentos das populações brancas e negras:

O Pedro Paulo é uma pessoa que tinha que ter um monumento em Ribeirão Preto, pra fazer com que soubessem quem era ele, como ele deixou esse legado, é um cara que tem que ter nome de rua, nome de avenida, esfinge com nome dele. Ele era muito inteligente, autodidata. Porque o Pedro Paulo não tinha a quarta série do primário, ele tinha uma autocrítica tremenda. Ele fazia oficinas, ele fazia com a gente na nossa turma, no grupo de teatro e ele também assim, ele tinha uma coisa legal, ele também passava pro sujeito na capoeira que a gente entrava, e atuava junto com o pessoal do Cativoiro (grupo de capoeira) (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos; Sr Luis Antônio, 59 anos, grifos nossos).

Neste caminho, o Grupo Travessia de Teatro Negro foi reconhecido como organização negra relevante na atuação político-cultural da população de Ribeirão Preto, do nordeste paulista e do triângulo mineiro. Esta organização teve diferentes fontes que geraram seu surgimento, uma delas foram as reuniões e discussões ocorridas no "Clube José do Patrocínio":

Os mais novos queriam assim e conseguiram fazer com o Travessia, o Travessia surgiu nos anos 1970 para poder fazer a discussão político-racial, o Pedro Paulo. O Travessia surgiu dentro do José do Patrocínio pra discutir a questão racial através da arte, do teatro, da música... Por exemplo, você colocava a questão da mulher, com aquela música Maria Maria... Quando surgiu, com o Milton Nascimento, aí você conseguia parar o espetáculo e falar as palavras de ordem (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).

Outro manancial do qual jorraram valores e narrativas importantes para o surgimento do grupo Travessia foram os encontros de jovens negros em diferentes logradouros e as brincadeiras dançantes por estes realizadas em bairros

como o Bom Retiro (mais conhecido por Bangu), a Vila Seixas, o Campos Elíseos, entre outros:

No Bangu era o seguinte, eram sempre filhos dos negros mais velhos que já se conheciam e tinham essa necessidade de estar todo final de semana se reunindo, pra ouvir Simonal, Paulo Diniz, etc. Em todo domingo, nós já marcávamos onde ia ser o próximo e um grupo cada vez maior, muito grande! Não falhava um final de semana e era familiar mesmo, chegava a setenta, oitenta, noventa, quase tudo negro, um ou outro. Era mais pessoal dos Campos Elíseos, Bangu e Vila Seixas, mas tinha algumas pessoas também da Vila Virgínia (Entrevista com Sr. José Antônio, 61 anos).

O Grupo Travessia de Teatro também representou um espaço para a atuação da população negra e para outras percepções de si dos sujeitos sociais em geral por meio das narrativas geradas:

Uma festa que lembro do “Travessia” foi o “Negro falado”. O “Negro falado” foi fundamental para o Travessia por que foi para as escolas, foi falar sobre a questão racial, sobre o preconceito, sobre as lutas do negro neste país... Era o Pedro Paulo junto com a Claré, a Alzira, a Janete que já morreu, a Tica, a Dulce Brito... (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).

Com a reinterpretação de elementos culturais provenientes de diferentes fontes, inclusive da cultura europeia, realizavam inserções em diferentes espaços como escolas, teatros e praças para desconstruírem as narrativas da discriminação:

Vamos assim dizer, ele transformou o Travessia num projeto cultural que era ele que participava do teatro e através disso aí a gente passava sábado, domingo reunidos, só conversando sobre Camões, Lusíadas e ele dava toda uma explicação

do que ele achava da concepção dele, onde tava a discriminação, onde que tava o preconceito. Ele queria obras pra tal objetivo, porque o Pedro era bem radical nisso (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos).

O grupo Travessia, por meio de ricas performances, baseadas em elementos culturais diversos provenientes de poetas afro-brasileiros, das culturas europeias e também das culturas africanas e afro-brasileiras, conquistou as praças públicas e transformou em territórios negros espaços dos mais variados:

Não, mas tem um nome o menino lá que ele conheceu através do FECONEZU. Porque assim que nós fizemos em 79 o FECONEZU lá no José do Patrocínio falei: “vamos fazer Pedro Paulo”! Nós fomos os primeiros... E o Pedro Paulo: “vamos fazer”! E aí o que nós fizemos para fazer? Na época, nós não tínhamos condição de fazer propaganda, vamos dizer assim. Aí, o que nós fizemos? O Pedro Paulo bolou uma roda de poemas, entendeu? Aí os meninos e nós decoramos algumas falas de poesia do Cuti, Castro Alves, e nós fizemos a brincadeira lá na Praça XV. Levou o grupo Travessia pra lá e fizemos a roda de poema. Com atabaque também, o Pedro Paulo interpretava os outros vinham, aí os brancos ficaram doidos, era coisa que eles nunca tinham visto (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos).

O grupo Congada de São Carlos, o Gana de Araraquara e o Travessia de Ribeirão Preto são resultantes da nova conjuntura experimentada pelos negros no país, a partir dos anos 1960, quando as referências à África e elementos culturais que se remetem às culturas africanas na diáspora passaram a ser base das narrativas identitárias dos afro-brasileiros de forma intensa:

Onde tem a ligação do Cativeiro, com Patrocínio e com

Travessia? A gente fazia uma ligação entre os grupos desta forma, na hora das atividades da gente, principalmente nas atividades do grupo Travessia. Dentro das peças que eram encenadas existia a roda de poema, existia a capoeira, existia o canto, existia a dança e a reflexão. Então fazia ali a junção que não acontece hoje que cada um é por si, cada grupo é por si e, naquele momento, já o Cativoiro tinha uma ligação muito grande com o Grupo Travessia, participava assim integralmente do grupo Travessia (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).

Sob estes formatos, estes grupos realizaram atuações de intervenção importantes, atualmente denominadas ações sociais. Desta forma, assim como atuou no Feconezu, o Grupo Travessia levou sua peça “O negro falado” para as ruas de Ribeirão Preto em intervenções com crianças marginalizadas:

Ali, na baixada, morava muito negro e isso levou o Grupo Travessia pra fazer trabalho de domingo na rua, com teatro, dança, pintura, levava capoeira também... Em todos os momentos de Ribeirão Preto a capoeira colaborou: foi no teatro, nos encontros do movimento negro, no carnaval, é uma coisa que todo mundo gosta (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).

Estas atuações se estenderam também aos bailes Black do salão dos “Cabos e Soldados” e do “Clube José do Patrocínio”, lugares em que realizavam intervenções ao longo dos eventos tratando de temas diversos ligados à situação dos afro-brasileiros e de suas identidades:

Nos Cabos e soldados a gente era os chatos da festa porque o Pedro Paulo adorava parar a festa para falar. Então, quando ele partia pra teatro ele parava a festa pra fazer uma apresentação, isso coisa de 10 minutos. Qualquer uma, no José do

Patrocínio era direto, chegava lá, o meu pai tinha essa mania, o meu pai parava os bailes e falava meia hora e aí o Pedro Paulo, acho que incorporou também, porque o Pedro Paulo: “não vai ter baile agora... nós vamos representar” (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, ”Tica”, 48 anos).

Com um currículo imenso, o Grupo Travessia apresentou-se da antiga FEBEM ao Teatro Municipal de Ribeirão Preto, dos Feconezus aos clubes negros nas cidades do nordeste paulista, triângulo mineiro e outras regiões, dos bailes, às praças e ruas:

Eu conheci todo mundo do Grupo Travessia. Eles foram para a FEBEM fazer várias apresentações, em 1983-84. Eu vi duas apresentações do Grupo Travessia com o Grupo Cativoiro antes da roda de capoeira (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

A desconstrução da exploração de classe, de gênero e da discriminação étnico-racial constituiu-se como focos da ação do Grupo Travessia sobre o mote da alegada “conscientização”. Estes três aspectos sempre estiveram presentes nas narrativas do grupo. Desta maneira, aparecem a questão do trabalho e a população negra, a exploração econômica, o racismo, e as questões de gênero. Nesta abordagem, a discriminação apresenta-se enquanto base de sustentação e concretização da exploração:

Exatamente, acho que na verdade é isso que eu estou te falando, o grande trabalho nosso era a conscientização, tanto é que a palavra muito usada era isso, conscientização. A gente ficava muito preocupado em fazer as pessoas perceberem que elas estavam sendo exploradas, que elas estavam sendo discriminadas (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, ”Tica”, 48 anos).

Outro aspecto a ser destacado na interpretação das atuações dos grupos negros nas décadas de 1970 e 1980 foi a atuação de sujeitos em diversas organizações concomitantemente com a conjunção destas diferentes atuações e expressões socioculturais em grande parte das atuações realizadas:

Saíam na escola de samba todos os anos. Então tinha ligação, assim tinha uma integração. Então não era um grupo só, é que na hora das atividades cada um tinha a sua atividade diversificada, era a capoeira... Era o baile, era o teatro, era o samba, era o clube do Patrocínio, mas quando chegava na hora das atividades a gente procurava fazer essa junção de forma assim como no aspecto teatral, todo mundo está presente dando um recado por inteiro, isso foi importante, achei uma coisa que se perdeu (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).

Este aspecto de múltiplas expressões e organizações negras na realização das performances identitárias evidenciou-se na estreita relação estabelecida em formas culturais como as “rodas de poemas”, onde atuavam conjuntamente o Grupo Travessia, Grupo Cativoiro de Capoeira e membros da equipe de bailes Black Beautiful Song, além dos membros do “Clube José do Patrocínio”:

Tinha um toque de tambores nessa roda de poema, aonde você tocava os tambores, uma grande roda, havia os cantos específicos para você entrar na roda, acabava os cantos a pessoa entrava na roda e declamava o poema muito bonito. A pessoa terminava de contar o poema, os tambores voltavam a tocar e chamava-se uma outra pessoa, quem quisesse declamar o seu poema. Isso foi ficando tão íntimo do pessoal que as pessoas, quando sabiam que tinha roda de samba, já iam com seu poema escrito (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos).



Inclusive o primeiro membro do Grupo Cativoiro (este grupo tornou-se um grupo internacional), que se dirigiu à Alemanha e passou a atuar como professor de capoeira, o Mestre Sorriso, participou do Grupo Travessia e, assim como outros negros, também se desenvolveu por meio dos ensinamentos de Pedro Paulo e da lida teatral:

Com a capoeira eu desenvolvi muito, mas com o grupo Travessia eu desenvolvi, me deu desinibição, eu era tímido e o teatro me deu mais condição de falar em público. No Grupo Travessia, o Pedro Paulo punha muito a gente pra falar e isso me marcou muito. O Pedro tinha muita força de expressão, eu vi muitas vezes o Pedro dominar platéias difíceis, em escolas, praças, teatros. A gente ensaiava muito, ficávamos o dia inteiro ensaiando no José do Patrocínio aos domingos fazendo laboratório. Levávamos um lanche e ficávamos lá, o dia inteiro fazendo peças, falas, de tudo (Entrevista com Sr. Sebastião, 48 anos).

Outra faceta da atuação do Grupo Travessia diz respeito à influência de artistas negros projetados por diferentes mídias, particularmente o rádio, a TV e os LPs, na constituição de seus conteúdos. Com estes conteúdos “a questão da mulher”, expressão das relações de gênero, foi outra dimensão social abordada e questionada:

A gente participava, pegava uma música, geralmente de um artista negro como “Maria, Maria” com o Milton Nascimento, e por aí ia. Lembro de Maria, Maria quando a gente inclusive se apresentou no José do Patrocínio, com inserção de outros negros de outras cidades... Agora eu não lembro muito, mas a gente fazia palestra, trazia algumas pessoas. Na época tinha muita menina que estava engravidando precocemente, a gente tinha um pessoal que era da medicina. Dessa (peça) “Maria Maria” eu lembro muito. Da “Maria Maria” o que marcou, tinha concentração de negros na Praça XV,

negros jovens, muito jovens, a gente tirava e conscientizava... Era um trabalho rico (Entrevista com Sra. Dulce Helena, 52 anos).

Como parte de nossas elaborações, uma representação do vigor político das formas culturais dos grupos negros realizada pelo Grupo Travessia, que vale ser destacada, foi a inserção de uma peça teatral com uma sátira sobre a discriminação racial, realizada por membros do grupo em uma das escolas que se constituiu até os anos 1970 como um ambiente marcado pelo racismo:

Passava, mas eu já levava de letra, eu fazia teatro fora já. Eu cheguei a levar o Travessia lá dentro do Otoniel Motta, tinha uns amigos brancos meus que adoravam o Travessia, não a título de representar, mas eles gostavam. Eu já era do Travessia. Eu levei o Travessia pra lá, eu fiz questão de levar. Era uma escola conservadora, mas a gente tirou de letra. A gente, eu e meus amigos brancos chegamos a fazer peça no Otoniel satirizando a situação dos negros, lá dentro. Fiz papel de empregada só que na sátira né? Aí, eu fui como empregada e ele como patrão, mas na verdade era para satirizar. Fizemos na sala de aula. Só tinha acho que dois negros. Uma menina que trabalha hoje na educação e um rapaz (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos).

Ser negro passou a ser sentido como “ser especial”, condição que evidencia as conquistas dos grupos negros e mudanças basilares na hegemonia a partir das últimas décadas do século XX. O acúmulo de lutas em décadas anteriores e as expressões culturais instituídas pelos negros nos anos 1970 e 1980 tiveram grande fortalecimento em sua imagem. Da invisibilidade social para a ostentação pública de seus valores e representações. Ao final da década de 1970, esta mudança na imagem das populações negras e,

sobretudo, a expressão do vigor político das expressões socioculturais dos afro-brasileiros evidenciou-se com a ocupação do Teatro Municipal de Ribeirão Preto pelo Grupo Travessia, pela primeira vez em 1979, após suas apresentações nas ruas, praças e outros espaços da cidade, principalmente com a “roda de poemas”. Nesta ocasião, paralelamente, o grupo passou a fazer parte da “Associação dos Artistas Autônomos” da cidade:

Não tenho foto. O Magno e esqueci o nome do outro, eles conheceram a gente lá. Aí ficaram doidos com a roda, o teatro. Aí a gente começou a ir pro Teatro Municipal através deles e nós participamos da primeira associação dos artistas de Ribeirão Preto. Eles entraram lá, o Magno Pucci (o nome dele não tá vindo não), mas se você uma hora for ver a história do SESC você vai ver um desses momentos. Eles convidaram a gente pra montar uma associação dos artistas: “Já que vocês são artistas também”. E aí nós fizemos a primeira festa lá no alto do Mosteiro do São Bento, foi à primeira vez que o Grupo Travessia entrou assim no palco do Municipal entre 1979-80. Era festa do AAA “Associação dos Artistas Autônomos de Ribeirão Preto”, era um barato! (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, “Tica”, 48 anos).

Estas conquistas dos grupos negros e o vigor político das organizações socioculturais estabelecidas por estas populações, percebido de forma mais explícita nos anos 1970 e 1980, encontraram suas bases e seus referenciais principais em formas socioculturais desenvolvidas por gerações de negros desde o início do século, para não nos referirmos à séculos anteriores e ficarmos apenas nos marcos da modernidade republicana e sob o contexto da relativa liberdade liberal. Este período republicano foi o contexto em que as diferenças foram tornadas fatores de desigualdade entre os grupos sócio-étnico-raciais. Neste momento, nos voltare-

mos para duas grandes expressões socioculturais realizadas desde as primeiras décadas do século XX pelas sociedades e clubes negros, os bailes de gala e, posteriormente, os blocos de carnaval e escolas de samba. Vamos aos bailes.

Baile do Clube Cultura Física e Social na sede da UGT em 1960.  
Fonte: Cedida pela senhora Marlene de Oliveira da Silva



## Capítulo 5:

# Os bailes de gala: as reinterpretações da civilização e da modernidade

As antigas festas e celebrações antes realizadas pelos negros escravizados e/ou por negros livres, com seus batuques como momentos gestados enquanto extensões de práticas litúrgicas e festividades com outras conotações ao longo dos séculos (desde o século XVI até o século XIX), estenderam-se ao século XX e reconheceram novos formatos socioculturais para se estabelecerem. Estes formatos foram instaurados pelas sociedades e clubes negros em suas re-interpretações dos valores da modernidade burguesa puritana em contato com os valores provindos destas práticas desenvolvidas por negros em séculos anteriores.

Vejamus uma linda descrição de um baile de gala na década de 1940. Nesta descrição podemos vislumbrar diferentes valores e práticas que enredam uma narrativa identitária. As roupas especiais, os homens de terno com atitude cortês, o lenço branco às mãos para lidar com as damas. A valsa ao fim do baile a promover um ar de europeidade, antecedida de muitos sambas e outros ritmos que remontam à africanidade. Como o “Tico-Tico no fubá” provindo dos recônditos da memória da senhora Maria Aparecida:

Os bailes da Socorros era uns bailes bons, a gente não repetia a roupa, naquela época a gente fazia as roupas, os homens iam de terno pra dançar fazia aquela cortesia, não é como agora não. Os homens usavam um lenço branco na mão pra não sujar a roupa das damas na hora da dança. A valsa era mais pro fim do baile, tocava mais era samba, tinha a questão de valsa e de Fox que era uma dança mais lenta, mais amorosa. O samba era o principal (risos), eu gostava muito do “Tico-Tico no fubá”. Aí os músicos tocavam, era orquestra,

não era como agora não (Entrevista com Sra. Maria Ap. Brito, 82 anos).

Precisamos atentar para o fato de que, embora a discriminação étnico-racial tenha sido a tônica das interações societárias brasileiras ao longo do século, a primeira metade do século XX conformou-se como um contexto de maior rigidez quanto à determinação das normas da discriminação étnico-racial e a marginalização dos negros. Neste contexto foi que se estabeleceram os bailes de gala nos quais, durante as décadas de 1930 e 1940, podemos ver que a separação entre negros e brancos era efetuada também por negros, que muitas vezes definiam seus bailes apenas para “os da raça”, com restrições à brancos

Ele me conheceu primeiro e depois eu o conheci, por incrível que pareça, (risos)! Havia um baile do “Cultura Física e Social”, uma sociedade negra, ah mas que maravilha! Onde não entrava branco, Os negros tinham suas opiniões também, naquele tempo, no Baile do Cultura não entrava, não chegava nem na porta que não entrava! (Entrevista com Sra. Iraci, 78 anos).

Como afirmou a senhora Iraci “os negros tinham sua opinião também”, o que nós entendemos como determinação de estabelecer regras em conformidade com os padrões de interação étnico-raciais vigentes e ter autoridade para fazê-las cumprir. Trazemos outra lembrança, presente nas memórias de Dona Cândida, em que surge a fala de seu marido a classificá-la como branca, uma fala representativa a suscitar mais do que uma ironia, mas sim, alguns sinais diacríticos utilizados pelos grupos negros na constituição de seus processos identitários:

Meu marido falava assim pra mim... Uma que ele dançava

bem. As poucas vezes que eu ia à baile (isso antes de casar) eu chegava lá e ele me acomodava e ficava andando e dançando, eu queria morrer! (risos). Nos Bambas tinha muitos bailes, no Carlos Gomes, aprendi a fugir dos brancos e ia, tinha que aproveitar, senão eu não ia aproveitar nada! (risos). Eu dizia pra ele, eu já venho pouco e quando vou tomar chá de cadeira, ele dizia: mas você não sabe dançar, você é filha de branco! Só toma guaraná, não toma cerveja! (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

Embora se apresentassem moralmente de acordo com as normas hegemônicas, muitos hábitos da população negra diferiam dos padrões morais burgueses dos “bons modos”. Tanto no fato de consumo de bebidas alcoólicas, mesmo que moderado por “moças negras”, aspecto presente nas chacotas do marido da senhora Cândida, quanto na dança, no modo de se vestir “mais despojado” e outros sinais utilizados pelos negros na definição de sua etnicidade, valores estes que definiam muito da alteridade dos mesmos:

Os brancos se vestiam do jeito deles, a gente era mais despojado, no jeito de vestir, de dançar qualquer dança, os branco era muito na valsa né!? Os bailes dos brancos era mais marchinha, tango que eles gostavam, mas não sabia dançar e tinha também o bolero e a valsa. O baile dos negros era mais o samba, o maxixe, um tango, tinha o Paulão que era um branco negro também, era um branco negro, aquele era um pé de valsa. Até a postura de pegar na dama era diferente, com um lenquinho na mão (Entrevista com Sra. Maria Caldas “Cici”, 73 anos).

Desta forma, as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por forte distinção e separação entre negros e brancos, separação apresentada em alguns bailes realizados apenas para “os da raça”, com restrições à brancos. Tempos em que “a raça se unia mais”, e os “bailes da raça eram bons”.

Eram diversos lugares em que ocorriam bailes destinados “à raça”, assim como eram diversificadas as organizações negras que promoviam estes eventos. Estas são expressões culturais nas quais os sinais de distinção social e status eram primordiais, como os ternos, sapatos, gravatas e chapéus. Sinais que na lógica da modernidade burguesa foram eleitos como passaporte para a entrada em diferentes espaços sociais:

Tinha a sociedade dos Chofeur, era ali na Mariana Junqueira, tinha a União Geral dos Trabalhadores e tinha baile na Socorros, tinha baile na “Sociedade Italiana Dante Alighieri”. Onde eu ia era mais negro. Lá não tinha esse negócio de barrar, mas tinha uma separação muito grande em Ribeirão Preto. Na Praça XV mesmo os negros desfilavam de um lado e os branco do outro. Chegava na gafeira de chapéu e pagava pra guardar o chapéu. Naquela época era paletó e gravata onde você fosse, inclusive tinha o cinema aqui na rua São Sebastião não entrava sem paletó e gravata (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Na maioria dos bailes “era chamada a polícia para fazer segurança” (Entrevista com Sra. Ádria, 60 anos). Este fator é relevante, pois expressa uma estratégia, em que, ao invés de se esperar a repressão, chamava-se a polícia para já definir os limites. Este aspecto se refletiu em outras expressões culturais dos negros, como os blocos de carnaval que, na primeira metade do século XX e já adentrando a década de 1960, utilizam os cavalos da força pública e os clarins à frente de seus préstitos (SOUZA, 2007). Desta maneira, além de evitarem a repressão, procuravam se mostrar ordeiros, chiques, civilizados, de acordo com os padrões de distinção predominantes.

Como conceber estas atuações socioculturais dos negros a partir destes bailes de gala em sua vitalidade política e



capacidade transformadora?

As elaborações de Muniz Sodré nos auxiliam neste sentido. As reflexões do autor sobre a formação da nação e as relações sócio-étnico-raciais no Brasil apresentam proposta rica para nosso estudo na medida em que supera abordagens superficiais pautadas unicamente em dimensões econômicas e/ou de classe social. Relevância suscitada pela compreensão da dimensão cultural e os processos identitários em seu dinamismo e com suas implicações e possibilidades políticas para as populações negras e os grupos em geral.

Nesta direção, expõe os limites de perspectivas teóricas como a de Gilberto Freyre cujos limites evidenciam-se, entre outros aspectos, por reafirmar a supremacia civilizatória eurocêntrica e ao mesmo tempo desqualificar a capacidade civilizacional dos descendentes de africanos; como expresso no etnocentrismo de abordagens economicistas ou dos desenvolvimentistas na década de 1950 e 1960, como Álvaro Vieira Pinto (1960), para quem:

As manifestações artísticas, espontâneas e rústicas, só se tornam universais quando se origina no país o processo de arte culta, o qual, por sua vez, acontece unicamente quando a nação atingiu um grau de desenvolvimento material que lhe permite participar, em caráter universal, do processo histórico (PINTO, 1960, apud SODRÉ, 1999, p 219).

Ao desqualificarem as práticas culturais das populações negras, estas interpretações têm sido aplicáveis como “artefatos reinterpretaivos”, sempre em função de “parâmetros ético-políticos” compatíveis pela lógica das elites dirigentes de dominação e de diferenças como um “igual administrável” (SODRÉ, 1999, p. 50). Sob o pano de fundo da cultura universalista europeia, estabelecem uma “ficção

étnica” classificando a diversidade humana em categorias unas e indivisíveis e, ao mesmo tempo, promovem um ordenamento sócio-espacial único, centrado em concepções culturais do universo burguês eurocêntrico (SODRÉ, 1999).

A leitura da lógica hegemônica feita por Sodré enquanto “ficção étnica”, permissiva de uma administração autoritária da diversidade, coaduna-se com a percepção de Babha (1998) acerca do estereótipo, na medida em que Sodré percebe as narrativas hegemônicas enquanto “artefatos reinterpretaivos” gerados por discursos inferiorizantes provenientes de diferentes espaços sociais com o fim de fixar a diversidade sempre em função das representações da ordem. Em direção semelhante, Babha (1998) entende que o estereótipo, tanto para os setores hegemônicos quanto para aqueles a serem subalternizados, é sempre “a cena de uma fantasia” e defesa “em um jogo de representações” (BABHA, 1998, p. 117). Constitui-se como uma redução e simplificação da diferença que é fixada em representações, que ao negarem a realidade das diferenças, geram problemas em forma de prejuízos, para a representação das identidades e das relações sociais dos sujeitos a serem subalternizados.

As narrativas identitárias dos grupos dirigentes, reafirmadas por uma parcela da intelectualidade, são apenas um dos polos sociais que concorrem para reforçar o aspecto político e estético da cultura hegemônica no Brasil e da ação do Estado e suas instituições no sentido de afirmarem a manutenção da ordem patrimonialista. Sodré (1999) concebe o patrimonialismo como uma reelaboração cultural com uma característica civilizatória em que fatores como poder político-econômico, status, raça, cultura e identidade são conciliados pelos grupos hegemônicos de

forma a lhes garantir a exclusividade de acesso aos recursos existentes:

Na lógica patrimonial, fatos culturais (éticos, psicológicos, territoriais) dominam os econômicos. Em vez dos critérios universais presentes na ordem econômica, o patrimônio privilegia a relação específica entre os bens e um grupo humano determinado. [...] O que importa à lógica patrimonial é a lei do grupo organizador da transmissão, uma vez que o grupo organizador e sua continuidade constituem a finalidade de todo patrimônio (SODRÉ, 1999, p. 108).

O autor interpreta o patrimônio num âmbito bem mais amplo que o econômico e compreende a ação dos grupos hegemônicos em relação ao Estado da mesma maneira que suas relações com as populações negras e mestiças regidas por uma lógica patrimonialista entendida enquanto “forma social”. Forma social que é suscitada no sentido de sociabilização orientada por ações, por valores e representações mediadoras das interações entre os grupos hegemônicos e os demais grupos e classes constituintes do quadro socio-cultural nacional. Sociabilização orientada em direção à manutenção da ordem político-econômica, conformada pela atribuição de posições de status mais elevadas aos grupos brancos que Sodré (1999) aponta como claros:

No grupo patrimonial, mesclam-se elementos reais e fictícios, estes últimos inventados segundo a lógica das conveniências. Simbolizações, mitologias, racionalizações genealógicas concorrem para o imaginário coletivo do grupo patrimonial (SODRÉ, 1999, p. 108).

Estas mediações explicitam-se no pensamento de Sodré (1999) em direção a uma articulação política interessante para a nossa perspectiva. Por um lado, concorrem para a

manutenção desta ordem patrimonialista os “artefatos re-interpretativos”, ou seja, os valores com os quais se afirmam as “ficções étnicas” concretizadas nas narrativas hegemônicas, por outro lado acontece a ação dos grupos subalternizados com base no que Sodré (1999) conceitua como “lógica do lugar” gerada e gerida a partir da atuação dos “espaços da singularidade”, no sentido de desarticular as verdades desta ordem patrimonialista apoiada nos estereótipos e nos estigmas. A “lógica do lugar” fundamenta-se em sua visão de política assim descrita:

Política aí não se entende como a participação no movimento contraditório em torno do poder do Estado, mas como a linguagem ambivalente de emancipação, a linguagem das demandas do grupo na sociedade global, que faz da comunidade uma superfície de inscrição, uma condição das possibilidades de representação (SODRÉ, 1999, p. 210).

A fundamentação de capacidade política, em torno das linguagens ambivalentes de emancipação e das possibilidades de representação, nos foi apresentada como de grande relevância por estar em confluência com nosso entendimento e nossa postura ao abordarmos os processos identitários, os caminhos de produção das narrativas e o estabelecimento das negociações das populações negras no contexto de nosso estudo.

Aspecto este que temos condições de apreender com um olhar mais atento para os bailes de gala do nordeste paulista. Estes bailes, realizados como “momentos de orgulho da raça”, organizados ao longo das décadas, desde a época de 1910, nos permite perceber seus referenciais provenientes de múltiplas fontes. Definiam-se tanto por valores “chiques” de refinamento e de bom trato entre pessoas negras quanto pela simplicidade de “leilões de prendas”, que

remetiam ao catolicismo praticado por negros durante séculos e às festas da raça na época junina:

Nos bailes tinha o frango assado e o leilão do frango. O cavalheiro pagava um dinheirinho, pegava um cravinho punha na lapela do paletó pra dançar com a dama que ele queria! Era chique, o lenço na mão, pegava um lenço branco e o cravinho na lapela, às vezes tinha homem que ia até de bengala (Entrevista com Sra. Maria Caldas “Cici”, 73 anos).

Esta dimensão da política exposta por Sodré como a base a sustentar a lógica do lugar expressiva da diversidade étnico-racial, surge em Babha (1998) como o “lugar da diferença e da alteridade”, como expressão do espaço dos sujeitos, que “nunca está do lado de fora em oposição implacável” e deve ser vista como “uma pressão e presença atuante ao longo de toda fronteira da autorização” (BABHA, 1998, p.159).

Em sua perspectiva, Babha (1998) trata da mobilidade das identidades e da subversão dos limites instaurados pela territorialidade hegemônica em contato com a territorialidade e as identidades produzidas pelos grupos subalternizados. Babha (1998) trabalha a concepção de hibridismo enquanto mistura, conjunção e intercurso entre diferentes identidades e realidades culturais, dimensão que para nossas interpretações é enriquecedora na medida em que coloca em xeque as concepções que tendem a conceber as identidades fundamentalmente separadas, divididas e segregadas.

A partir desta concepção é que pode evidenciar-se o espaço dos múltiplos da alteridade, espaço no qual se encontram os grupos a serem abarcados pelas representações do discurso hegemônico, como espaço da re-existência expressa a partir da geração de representações

concorrentes e paralelas a sustentarem identidades que buscam se situar para além das concepções autoritárias. Nesta dimensão encontram-se os concursos de beleza realizados por clubes negros e os concursos gerais em que mulheres negras fizeram presença:

A bonequinha do Café, eu fazia parte já do José do Patrocínio e a bonequinha do Café e Miss Beleza Negra. Eu fazia parte da associação. Teve um ano que uma miss beleza negra ficou em segundo lugar no concurso miss beleza da cidade de Ribeirão Preto. Na verdade pegou em primeiro, não puseram ela por que era negra, deve ser em 1972, 1973 por aí quando começou, ela chamava Maria das Graças! Ela era candidata da raça negra, do José do Patrocínio, foi lá na cava do bosque. Quando ela chegou, o Jaime Veiga que era engenheiro da construtora, olhou e disse é uma candidata forte! No final ficou ela e a candidata do clube Regatas! (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Em um desses concursos gerais na cidade de Ribeirão Preto, a candidata negra ficou para a disputa final, entretanto o primeiro lugar foi atribuído a uma mulher branca, fato gerador de protestos e afirmações de racismo por parte dos negros:

Isso daí foi no Miss Ribeirão, ela ficou em 2º lugar, não sei se o seu Santo te falou, mas ela foi que nem a Marta Rocha... A Marta Rocha não perdeu o miss universo por causa de um cm? Então, a justificativa pra ela perder o Miss Ribeirão foi isso daí, a questão de medida (Entrevista com Sra. Maria da Apresentação, "Tica", 48 anos).

Porém, o mais relevante deste movimento todo não se refere à influência das normas racistas no resultado final. Em nossa perspectiva, o fundamental, além da valorização do fenótipo negro, diz respeito à condição das organizações

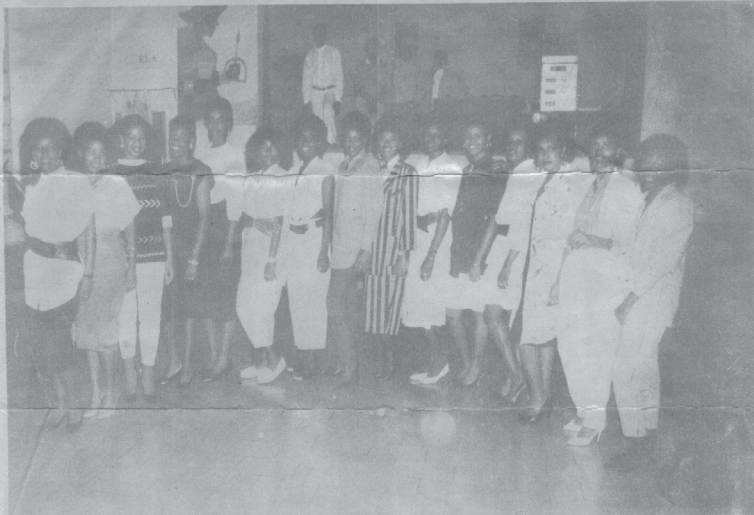
negras criarem possibilidades de relativizar os padrões hegemônicos por se colocarem em diálogo com estes e emitirem suas narrativas de desconstrução dos valores e representações da discriminação étnico-racial por meio deste diálogo. Em uma postura de auto-valorização, estas organizações negras afirmaram o valor positivo de suas particularidades.

Desta maneira é que apreendemos as produções identitárias que se colocam em diálogo com o discurso estereotipado da discriminação, não como um ato oposicional ou uma simples negação ou exclusão dos conteúdos provenientes “de fora” dos grupos sociais (BABHA, 1998). Assim percebida, a heterogeneidade constitui discursos que problematizam a encenação da identidade primordial e as representações autoritárias dos grupos hegemônicos. Desta maneira, a produção de espaços para outras encenações identitárias subverte os limites instaurados pelos padrões universalistas e expõem a multiplicidade de caminhos e outras possibilidades que podemos apreender em diferentes atuações como nos desfiles de blocos de carnaval, times negros ou desfiles de beleza que instauraram referências diversas para o olhar em busca da “boa aparência”, faceta tão cara aos princípios da exclusão:

Eu achei interessante e me surpreendeu quando surgiu o anúncio da bonequinha do Café, em 1972 ou 1974, a argumentação: “Olha é bom fazer isso, é necessário por que os concursos de beleza que existem são só pras mulheres brancas, nunca se vê (exceto aquela gaúcha) mulheres de pele escura nos concursos de beleza”. Fizemos um concurso do qual participariam não só negras, poderiam ser também mulheres não-negras, mas a ênfase seria dada às mulheres de pele escura, neste concurso apareceu uma mulher de pele clara. A partir do critério escolaridade, postura, simpatia e

boa apresentação, cabelo natural, as medidas de acordo com o padrão. Foram em torno de vinte candidatas, à noite na

## MISS BELEZA NEGRA 88



As 15 candidatas que estarão participando do Concurso Miss Beleza Negra 88, estão ensaiando durante toda esta semana no Clube José do Patrocínio.

Será realizado neste sábado, dia 18, a partir das 20 horas no Palestra, o concurso Miss Beleza Negra 88, que está sendo promovido pelo Clube José do Patrocínio e contará com a participação de 15 candidatas de Ribeirão Preto e 5 candidatas da região.

Segundo o presidente do Clube José do Patrocínio, Luis Carlos Bento, o critério utilizado para a escolha das candidatas levará em consideração a ótica de beleza afro. Primeiramente as modelos deverão desfilarem de maquiagem e depois com roupa afro, do Ateliê Afro-Brasileiro de São Paulo.

Depois da realização do concurso Miss Beleza Negra 88 haverá a apresentação do grupo Banda-la, de balé afro, de São Paulo, e em seguida será realizado o baile de comemoração dos 17 anos do Clube José do Patrocínio, também no Palestra.

No domingo, dentro das comemorações do aniversário do Clube José do Patrocínio, na sede do clube, a partir das 15 horas, haverá um encontro cultural, com a apresentação do grupo de teatro Travessia, de Ribeirão Preto, do Balé afro, Banda-la e de congada com Ternos de Santo Antônio da Aletria.

### AS CANDIDATAS

As 15 garotas que estarão participando do concurso Miss Beleza Negra 88, organizado por Lazaro R. dos Santos, Ana Maria B. F. dos Santos e Marisa Honorio B. Ferreira, do Clube José do Patrocínio, são as seguintes: Rita de Cássia Fernandes, Marlene de Jesus da Silva, Denise Aparecida Marques de Souza, Luiza de Oliveira Rodrigues, Maria Inez Ribeiro, Marta Roseli Vasconcelos Barbara, Ione Valentin, Lucimara Luiz, Cleonice Clemente, Nanci Claudia dos Santos, Maria Luisa Barbosa Neves, Rosemary dos Santos, Liége Adriana de Oliveira, Janaina dos Santos Ribeiro e Suzana Marcia de Souza. Todas elas foram ensaiadas pelos coreógrafos Paulo César, Regina Cardoso e Benê Correa.

Miss Beleza Negra no Clube José do Patrocínio em 1988: a identidade com referências à África e ao padrão estético afro-brasileiro. Fonte: Cedida pela senhora Ádria Maria Bezerra Ferreira



Nestas performances socioculturais são gerados os efeitos políticos da força da singularidade e da capacidade política dos processos simbólicos acionados pelos grupos negros na realidade brasileira. Efeitos políticos de desconstrução de ficções étnicas da ordem patrimonialista hegemônica que Sodré expõe e que nós percebemos na leitura de Babha (1998) como a hibridização que confunde a estabilidade e a fixação das identidades a interferir nas relações de poder.

Esta concepção da dinâmica cultural e das identidades acentua o entendimento da produção das diferenças e das identidades enquanto processo aberto, resultante de escolhas políticas em meio a um momento histórico particular. Daí a possibilidade de um olhar que abarque as práticas negras em suas diferentes dimensões. Como propostas de transformação e resistência, flexibilização e aproximações em atos de acomodação ao instituído, lidos não como alienação, mas como prováveis movimentos táticos de conquista de posições.

Estes movimentos da lógica da singularidade podem ser percebidos na atuação dos blocos carnavalescos até a década de 1950, quando então os afro-ribeirão-pretanos aceitavam a presença da força pública em seus desfiles. Esta postura demonstrava reconhecimento dos limites formais colocados pelas instituições oficiais e dos limites informais de um ambiente sociocultural racista. Nesse contexto, estabeleceram o complexo jogo simbólico de conformismo e resistência, que marca a dinâmica de constituição dos territórios negro-populares no Brasil (CHAUÍ, 1986). Assim, explicitavam valores e representações que os denotavam como “ordeiros”:

Nos blocos de antes, saía os cavalos, de preferência branco,

os clarins e não se chamava escola, se chamava cordão. Tinha o mestre de cerimônia, tinham as balisas. Tocava as músicas do rádio, não tinha samba enredo. Tinha uma música que eu lembro: loirinha, loirinha, dos lábios de cristal, mas este ano será a moreninha, a rainha de nosso carnaval (Entrevista com Sra. Maria Caldas “Cici”, 73 anos).

Com esta estratégia, durante os desfiles dos blocos, os cavalos, os clarins e demais traços da força pública deixavam de ser símbolos da repressão e da ordem para tornarem-se elementos a simbolizar o prestígio, a dignidade e a beleza dos grupos negros. Ao lançarem mão da plasticidade simbólica de sua cultura, as entidades carnavalescas negras incorporavam e re-interpretavam esses elementos culturais segundo seus referenciais. Processos como esses resultaram na reinterpretação de práticas culturais e na criação de novas formas de comunicação, que deram condições dos grupos negros conformarem-se aos mais diversos contextos sociais, reinventando espaços e integrando-se, para assim, superarem a exclusão e afirmarem suas identidades.

Neste sentido é que se dirige nosso entendimento da dinâmica político-cultural, das negociações e geração das identidades. Abordamos a capacidade política das produções simbólicas dos grupos negros mais do que ações de desconstrução dos estigmas, mas também de restituição da autoestima, das possibilidades de conferir acessos a bens políticos e econômicos, mudar status sociais (mesmo que de maneira pouco evidente) e estabelecer espaços de sociabilidade saudáveis.

Por esta perspectiva, percebemos as práticas socioculturais negras como as linguagens ambivalentes inscritas na produção da diferença e das identidades no meio social, como atuações performativas que produzem suas narrativas

identitárias, enquanto expressões de temporalidades descontínuas em que se assentam suas representações e todo seu universo simbólico.

Expressões estas, que percebemos também nos bailes de gala organizados pelos negros no nordeste paulista e triângulo mineiro. Entre estes bailes, além do Baile do Carmo em Araraquara, observamos mais detidamente um dos muitos bailes desenvolvidos em Ribeirão Preto. Este aconteceu como um grande baile de gala entre a década de 1950 e meados do decênio de 1970, o “Baile das Dez”:

A Dona Etermízia era esposa do seu Alfredo (vulgo Cabeção, funcionário público). O baile das Dez era uma maravilha, eu comecei a ir com 15 anos, já ia pai, mãe, família e eu era grande, então passava por maior. Chegava lá encontrava todo mundo, tava lá mais de mil pessoas num salão razoável que não era tão grande. Era só irmandade ali de verdade, o pessoal saía dali muito feliz (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

Neste sentido, as “Dez Mais” parecem ter sido escolhidas entre mulheres que eram esposas de negros com mais ascensão social: ferroviários, funcionários públicos, pequenos empreendedores (tintureiros, alfaiates), enfim negros com empregos fixos e/ou estratégicos para possibilitarem “bons contatos”, condições que destoavam da maioria absoluta dos demais negros. Distinção esta, também efetivada pelo reforço de padrões de moralidade e de papéis sociais vigentes, como vedar a participação de mulheres sozinhas na coordenação do baile:

Viva a Tianinha, a dona Sebastiana, a Luzia, a Maria Fernandes. Minha mãe ficou viúva em 1955 e foi barrada porque não tinha marido. Dez mulheres negras casadas se reuniram e resolveram fundar o Clube das Dez, mulher sozinha não

podia, tinha que ser o casal. Na época eu fiquei magoada, mas depois a amizade continuou, eu falei, só se eu for arrumar um marido! (risos) Elas faziam piqueniques e faziam bailes, elas faziam os bailes na Cava do Bosque, os últimos foram nas Socorros. Até a década de 1980, depois as Dez acabaram e o José do Patrocínio fazia os bailes nas Socorros, sempre um baile por ano como era antes (Entrevista com Sra. Cândida, 82 anos).

Nestas condições, o Baile das Dez em Ribeirão Preto, foi composto por esposas de negros, que mesmo quando ocupavam cargos mais simples, possuíam mínimas condições de se manterem financeiramente e/ou possuíam vínculos com negros e brancos mais estabelecidos:

O Baile das Dez começou muito pequeno, por volta de quando eu casei, em 1958-1960. A Jenny fazia parte do Baile das Dez, a Divina, a Vanda mulher do Vavá, a Nena, a Dona Etermízia, Dona Ruth. As dez damas que iam mais bem vestidas! Não era por poder aquisitivo não, era pelo traje, a Nena era pobre, o pai dela era lixeiro e ela fazia parte. Lembro de um Baile das Dez que foi na Cava do Bosque, foi um dos últimos que eu fui, tinha uma costureira que fazia as roupas, a minha era lilás, a da Nena era verde, era aqueles rabos de peixe, aquela coisa! (Entrevista com Sra. Maria Caldas “Cici”, 73 anos).

Porém, nestes bailes, o que ressaltava era a ostentação pública de riqueza e de glamour com cores e formas diversas, como também os rituais de apresentação de casais e distintas famílias negras. Um “baile social da sociedade negra ribeirão-pretana”:

O baile era uma riqueza, tinha capa nas cadeiras, eles anunciavam o nome da gente quando a gente chegava, chegou Carlinhos Durão e sua esposa, chegou dona fulana e Senhor cicrano. Pro baile tinha um convite especial que era distribuí-

do. A gente chegava no baile já era anunciado lá em cima onde fica a orquestra, não era DJ nem batucada, era um baile social da sociedade negra ribeirão-pretana. O Clooney das orquestras já tinha a relação dos convidados e ficava alguém de Ribeirão pra dizer quem era e ocupava a mesa tal, ou tal (Entrevista com Sra. Maria Caldas “Cici”, 73 anos).

Junto a esta forma mais aparente, sinais diacríticos como o “bem dançar” e o “modo mais despojado de vestir” faziam presença como marcas da alteridade dos negros na construção de suas identidades e de diferenciação com relação aos brancos. Também, como fator motivador da vinda de muitos negros de cidades menores para Ribeirão Preto em busca dos estilos dos negros da “grande cidade” da região (Entrevista com Sr. José Osmar, 61 anos).

Ser o bom, ser um “bamba”, ser reconhecido de forma positiva a partir de suas particularidades culturais, entremeadas à formas culturais incorporadas do “outro” branco. Aí temos um dos aspectos ricos dos bailes de gala realizados pelos negros ao longo do século XX no nordeste paulista e em outros contextos do país.

Durante a década de 1940, nos bailes de gala, por exemplo, por um lado surgia a “valsa da diretoria”, expressão cultural própria dos grupos hegemônicos como sinais de distinção social a marcar hierarquia entre negros:

Nessa época eu estava solteira, casei com 21 anos, com 15 anos eu já ia nos Bailes, nossa família toda comparecia, ia a família toda. Tinha a Valsa da diretoria, era muito lindo, era com orquestra e quando tocava a valsa da diretoria convidava os que faziam parte. Meu pai não era da diretoria, mas era muito respeitado! Uma das coisas que não esqueço era a Valsa Vienense. Linda, linda, os bailes eram lindos! (Entrevista com Sra. Iraci, 78 anos).

Nestes mesmos bailes, com “Valsas Vienenses” a tocar e a demarcar as distinções sob um ar de europeidade, também conformavam a lógica destas expressões culturais práticas compostas por valores diversos, valores de comunidade e de festividade aberta ao estar juntos, quando frangos assados e outros quitutes levados pelas famílias também faziam presença, depois de entrarem “camuflados”:

A mamãe não dançava, eram diferentes as mulheres, chegava os cinqüenta anos já estavam velhas, velhas no sentido de não saírem mais, de ficar mais em casa. A mamãe, até certa altura, às vezes ia no baile, tinha o cuidado, gostava de fazer um frango pra gente, gostava de fazer as coisas pra levar, levava e entrava, camuflada mas entrava, disfarçadamente, como senhora de idade com o embrulho ela entrava. Lá dentro tinha as coisas, tinha o bar, mas levavam comida. Minha mãe era uma gracinha, ela era quietinha, meu pai era terrível. Naquele tempo... (Entrevista com Sra. Iraci, 78 anos).

Práticas como levar comida para o baile, ocorridas nas décadas de 1930 e 1940, prosseguiram ao longo dos tempos e marcaram as expressões negras ainda nas décadas de 1970 e 1980:

Tinha uma característica nos bailes, tanto nos bailes promovidos pela dona Etermízia (Baile das Dez) quanto nos bailes promovidos pelo Patrocínio, o pessoal vinha e trazia comida, era frango frito, era cuscuz, era carne seca, strognof, praticamente toda família levava comida e era muita! (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

Outros símbolos de práticas diversas à lógica hegemônica eurocêntrica, faziam-se presentes nos bailes de gala, como as cantorias de sambas nos intervalos, “de sambas antológicos” que ficaram nas memórias:

Uma outra característica dos bailes era que a orquestra acabava de tocar a seleção o pessoal ficava aplaudindo. Normalmente entre as seleções de música, os preto mais velho começava a cantar aqueles sambas antigos, todo mundo “segurava na mão” ou batia na mesa. A ponto da Sulamérica de Jaboticabal vir tocar em um baile do Patrocínio, isso foi em 1980-82 e os caras disseram: Não, nunca vi isso, você para e os caras começam a aplaudir a gente e começam a tocar aqueles sambas antigos: “Barracão de Zinco”, “Quatro mil mulatas”, sambas do Lupicínio, do Monsueto! (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

Trazemos aqui, uma vez mais, as lembranças de um destes momentos antológicos dos bailes de gala. O trecho do samba de Monsueto, cantado por Dona Antônia, no final dos anos 1960:

Lembro uma vez a Dona Tundê que era mãe do Pedro Paulo: “se você não me queria, não devia me procurar (do Monsueto), não devia me iludir, nem deixar eu me apaixonar”! Aí o pessoal começou, cantando junto: “enfrentar este amor, é muito mais, você arruinou a minha vida (eu lembro que o finado Vavá gritou lá), hora vá mulher, me deixe em paz”! Era uma coisa linda, o povo cantava tudo junto, todo mundo cantava (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

Bailes onde além da comida e dos sambas, apresentava-se a condição dos trajés, cuja elegância fazia-se acompanhar do colorido alegre das formas culturais negras e não pelo tom indiferente e distante do padrão da elegância entendido pelos grupos hegemônicos:

Era um baile de gala, todo mundo vestido de terno gravata, vestido longo. Então, você vê estes bailes de sociedade todo mundo de terno preto e as damas de branco. E, devido a gente

gostar muito das cores, não era necessariamente pra você vir de preto e branco, raramente você via uma roupa igual a outra. Eu me lembro que tinha um rapaz, o apelido dele era capeta, ele apareceu vestido com um terno creme, quase que branco e... a moça que estava junto num vestido verde musgo, gente que coisa linda! Foi eleito o casal mais lindo! Era o casal mais bem vestido do baile! (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

Ocorriam poucos bailes de gala durante o ano, entre estes o mais vivo na memória é o “Baile das Dez”, lembrado como o “mais esperado do ano” por muitos depoentes. Junto a estes aspectos antes suscitados, nestes bailes, o terno e os sapatos tinham forte conotação simbólica como expressão de elevado status social, de modernidade e civilização:

Naquela época se a pessoa usasse um terno ela significava que era um algo mais que os outros que não podiam e tava sempre de calça e de camisa. O pé de cachorro eu, por exemplo, usei e era pé de cachorro mesmo que se falava, era um calçado de corda. Como nos bailes, como no “Baile das dez” e outros, se não chegasse de sapato não entrava, era uma média de três a quatro bailes da raça por ano em Ribeirão Preto, mas o mais esperado era o “Das Dez”. Nesses bailes se você chegasse de calça e camisa você não entrava, ou tinha que ir de paletó ou de terno (Entrevista com Sr. Nascimento, 67 anos).

Bailes onde a comunhão entre as famílias era embalada também ao som de canções provenientes do cotidiano dos negros em suas festas realizadas em grandes quintais, onde estas mesmas famílias realizavam seus “batuques”:

A família Brito cantava nos intervalos. Mas aqueles bem antigo da família Brito, porque eles sempre tiveram o canto deles reservado, quando começavam cantar, era quando



parava a orquestra e elas começavam a cantar, tipo assim aquelas vozes daquelas que lavavam roupas, aqueles cantos de lavadeira, entendeu? Era aquele canto, elas cantavam assim ihihihihih, era lindo! Aqueles pretos bem velhos, de roupa branca, tipo aquela turma da Mangueira com o Zeca Pagodinho (Entrevista com Sra. Bernadete, 54 anos).

Durante a década de 1970, estes bailes de gala contavam até mesmo com divulgação pelo rádio, em programas dirigidos às formas musicais antes apenas vistas como “coisa de negro”, como é o caso do samba. Este foi mais um resultado das conquistas dos negros na sociedade brasileira e, também, das transformações na sociedade em geral que passou a ter uma melhor aceitação das expressões culturais tradicionalmente realizadas pelos afro-brasileiros ao logo da história de nosso país:

Era divulgado antes do baile no rádio, era o Mauro Santos que tocava pagode, que era da rádio Independência. Ele sempre anunciava, o baile era em novembro, mas uns quatro ou cinco meses antes era anunciado o baile e a compra das mesas. Só que você tinha assim... Como meu pai já fazia parte da diretoria, ele já dizia e o pessoal que era de lá ia comprar as mesas, porque esgotava rapidinho. Era um baile tradicional da raça! Quando terminava novembro o pessoal já começava a se preparar e já tava indo atrás do traje, tinha que ser social! (Entrevista com Sra. Maria Izabel, 49 anos).

Estes bailes representavam para muitos jovens um ritual de passagem para o mundo adulto. Este foi um aspecto marcante, nos bailes de debutantes negras, para “as moças”. Ou quando se podia ir ao “Baile das Dez”, após a compra do primeiro terno, para “os moços”. Sinais de entrada no mundo adulto e de valorização, com grande prevalência entre décadas de 1930 e 1970:

O “Baile das Dez” que acontecia na Sociedade Socorros Mútuos, que era o acontecimento do ano pra famílias negras de Ribeirão... Era coisa assim, a gente trabalhava pensando no final do ano, as mulheres mandar fazer o vestido do baile e os homens comprar o terno pra ir no “Baile das Dez”. Eu quando comecei a ter o meu ordenado, com meus 17 anos, o Baile das Dez de 1967 eu fui com um terno que eu comprei na “Regional Cliper”, com muito gosto, pra ir no Baile das Dez (Entrevista com Sr. Luis Antônio, 59 anos).

Nos bailes realizados pelo “Clube Princesa Isabel”, na cidade de Batatais, entre as décadas de 1950 e 1970, homens negros e mulheres negras também marcavam suas identidades a partir da elegância e do glamour das noites de gala. Entretanto, como único clube negro da cidade, situação diferente de Ribeirão Preto, onde existiam pelo menos quatro sociedades e clubes negros atuantes, em Batatais, ocorriam pelo menos quatro bailes anuais realizados pelo “Clube Princesa Isabel”:

Roupa é muito identidade, então emprestar roupa não é legal, então cada um tem que ter sua própria roupa. Era um costume se fazer roupas especiais pra cada festa, principalmente as mulheres, Os homens ainda se atreviam a ir, e na cidade você tinha de quatro a cinco bailes por ano: você tinha o baile das mães, o baile de aniversário do clube, o baile da primavera e tinha o baile que se chamava “Noite feliz”, acontecia de 24 pra 25 de dezembro. Onde aquelas pessoas que estavam fora, aquelas pessoas que voltavam nesta época e vinham muito elegantes. Daí, talvez, a vontade que eu tive de ir embora (para São Paulo) pra voltar elegante (Entrevista com Sr. José Osmar, 61 anos).

Muitos dados expressam uma maior flexibilidade das exigências no que se refere aos negros participarem dos bailes e a uma postura mais aristocrática de lideranças provenientes das décadas de 1940, 1950 e 1960. Posturas

inclinadas a padrões identitários referenciados em valores de elegância e moralidade da lógica burguesa vitoriana intolerante aos “acertos” que os diferentes segmentos da população negra podiam estabelecer:

No baile todo mundo participava, inclusive os mais pobres, a única coisa que pedíamos era que viesse com um sapato e um paletó, mas acontecia aquele negócio, muitas vezes um paletó era de trinta, arrumava um jeito entrava e saía aquele paletó. Mas nós, mais novos, quando a gente começou a participar, então a gente conversou com os mais velhos pra quebrar um pouquinho essa exigência, a situação do negro era muito dura! Eu já vi amigo nosso comprar tinta pra tingir o tênis branco de preto. Acabava um jeito de todo mundo estar junto (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

Em todo este contexto, durante a década de 1970, o “Baile das Dez” foi referência importante para os futuros líderes de organizações como as equipes de som e bailes Black, entre outros membros da população negra, para construírem suas narrativas identitárias:

O Baile das Dez era uma referência pra nós porque era um baile que as negras ficavam esperando o ano todo pra arrumar a roupa, eu nessa época eu ficava na porta porque tinha 10-11 anos, a minha mãe saía com minhas irmãs e eu já escutava a banda do Laércio de Franca e via elas todas se arrumando. Vinha muita gente de fora, muita gente, era assim bem concorrente com o Baile do Carmo de Araraquara, porque vinha muita gente de fora e era grande e bonito (Entrevista com Sr. Aluizio “Caju”, 50 anos).

Desde a década de 1950, de fato, estes bailes criavam grande expectativa e assim, eram “esperados o ano todo”. Tanto se esperava o baile como as atrações ao longo do dia. Atrações estas geralmente realizadas por organizações

negras de outras cidades e Estados, como os negros de Uberaba, Minas Gerais:

O pessoal esperava o ano inteiro esse baile, o pessoal esperava o ano inteiro. Aí vinha orquestra do Laércio de Franca, vinha uma de Jaboticabal também, só vinha orquestras boas mesmo! Durante o dia tinha apresentações, tinha, por exemplo, uns negros de Uberaba que vinham se apresentar aqui, um grupo de cultura negra de lá, era a tarde depois à noite era o baile (Entrevista com Sr. Nascimento, 67 anos).

Referência também para crianças negras que viam suas mães e irmãs com orgulho, felizes, nestes eventos realizados para exaltar o povo negro, inclusive os visitantes das cidades da região. Além dos eventos dos bailes em si, vinham como referenciais para os mais jovens os modos de apresentação pública, que de certa forma eram performances constituintes das atuações de negros em diferentes organizações e espaços. Os negros mais velhos que chamavam a atenção dos mais jovens em seus trânsitos pelo espaço urbano:

Tinha um negro, que foi um dos primeiros negros que eu vi assim, sempre de terno, na época do União Geral dos Trabalhadores antes de vir a ser Patrocínio e esse rapaz era uma referência dos modos de vestir. Esses também iam pro Baile das Dez, era aquela roupa social, terno paletó, sapato lustrado, onde a gente pegou gosto pelas coisas extravagantes. Era isso aí, a gente via o Lindomar, a família do Zé Miguel que era os Ribites. Eles usavam aqueles sapatos plataforma, usava a carteira na cintura, aqueles cinto mostrando a carteira. Então isso aí a gente foi pegando deles, o tamanco malandrinho, a gente subia a General usando tamanco malandrinho, aquilo pros branco era coisa... Os caras olhavam a gente, aquele chapelão, a gente queria ser o destaque (Entrevista com Sr. Aluizio “Caju”, 50 anos).



Homens negros no Jardim Público em Ribeirão Preto, na década de 1930. Fonte: Cedida pela senhora Maria José dos Santos Martins



A elegância e irreverência na sátira ao estereótipo da embriaguês atribuído à “raça”. Fonte: cedida pela senhora Maria José dos Santos Martins

Entre estes formatos de bailes, os de debutantes representavam uma ocasião especial em que as moças negras eram apresentadas como “moças de família”. Com honrarias, cortejadas e adornadas, eram apresentadas “à sociedade negra”, numa ritualização da passagem ao mundo adulto, sempre de maneira a afirmá-las belas e com atributos de superioridade. Vejamos este precioso relato de uma destas debutantes, a senhora Maria Izabel:

O “Baile de debutante” foi feito na Socorros Mútuos, era um salão tradicional de Ribeirão Preto, os bailes eram feitos sempre lá. O baile em si é uma coisa que você não vê a hora de acontecer, não via a hora de chegar os meus quinze anos. É uma emoção, como se fosse de um casamento! Quando chegava esse dia, escolhe os vestidos maravilhosos, você escolhe um padrinho pra dançar com você a valsa. Quando você entra você é paparicada, fotógrafos, seus pais estão lá, vai chamando uma por uma das moças com seus padrinhos. Para os vestidos das debutantes faziam uma reunião para definir a cor. Todas as debutantes iam com a mesma cor do vestido, o meu foi azul bem clarinho... Da cor do céu (risos)! Gente... Foi uma coisa tão maravilhosa! (Entrevista com Sra. Maria Izabel, 49 anos).

Baile de moças negras debutantes em 1976. Fonte: cedida pela senhora Maria Isabel Cesário Francisco Miguel



Neste contexto, o fato de narrativas elaboradas pelos bailes de gala antigos, das gerações de negros das décadas de 1930, 1940 e 1950, continuarem presentes na memória dos mais jovens, nas décadas de 1970 e 1980, foi significativo. De forma geral, as experiências destas formas culturais negras foram bastante semelhantes, com as particularidades ditadas em função dos contextos de cada cidade ou região. Os motivos expostos por uma antiga dirigente sobre as regras de “bom comportamento” exigidas em referenciais firmados na moral burguesa e puritana:

Tinha um tempo assim, eles (os brancos) achava que era muito no relaxamento. Que o negro era muito relaxado nessas partes de respeito, de vestir... De limpeza, de asseio, então tinha isso. Às vezes o baile tava muito bom e a menina tirava a sandália. Muitas vezes eles mandava: “olha vai lá e fala pra aquela menina calçar o sapato que ela ta dançando descalço”. Elas tavam achando tão bom e tinha esse cara lá só pra ver aí eu falo: “oh, você não pode calçar o sapato se não você fica, você pode machucar o pé”. Então, sabe, observava tudo e os pais tinham tanta confiança que por fim eles chegavam lá na porta e deixava as filhas lá... (Entrevista com Sra. Guiomar, 70 anos, e Sr. Mário, 81 anos).

Ao invés de interpretarmos as organizações negras e suas expressões identitárias em função de um padrão idealizado, nós procuramos conceber quais motivos envolveram as diferentes identidades estabelecidas em diferentes momentos e espaços. Assim, compreendemos o processo social de produção das identidades e diferenças que marca a multiplicidade do social. Sob esta orientação foi que tomou relevo a assimilação de valores da moral burguesa pelos negros com o objetivo de desconstruírem as narrativas que os marcavam como relaxados, sujos e imorais. Conseguiram, em diferentes medidas, desfazer a visão de “classes

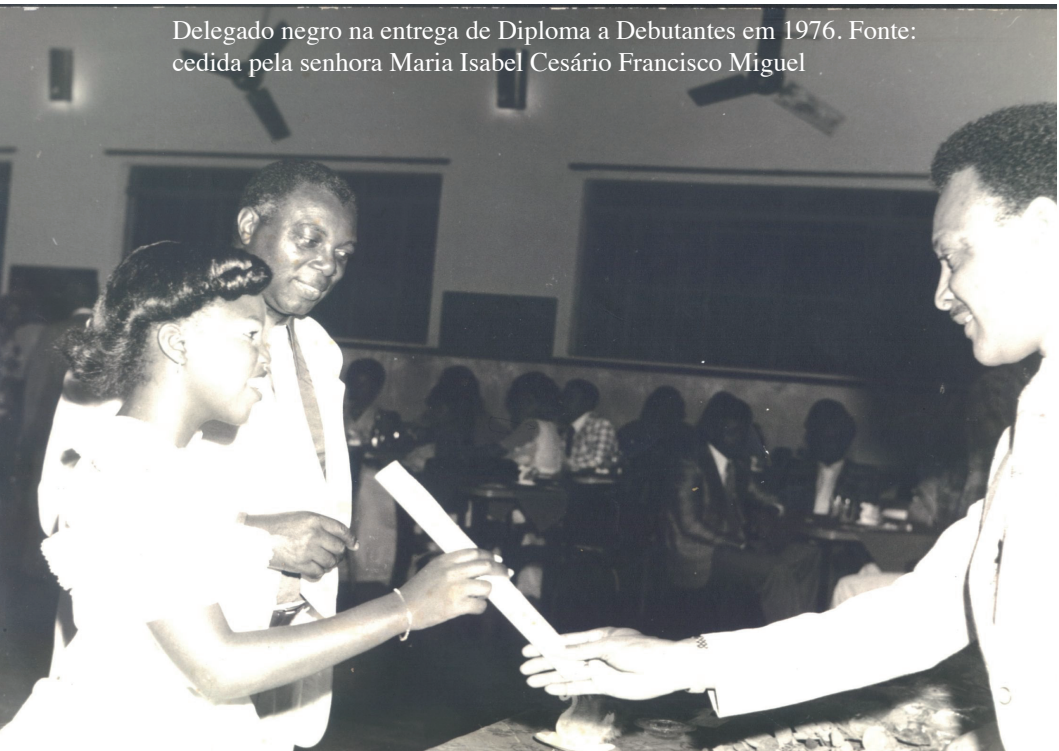


viciosas e perigosas” (CHALHOUB, 1989) presentes no imaginário hegemônico desde o início do século XX.

As organizações negras conseguiram sucesso em seus intentos de positivar a imagem dos afro-brasileiros e dar visibilidade às narrativas de desconstrução dos estereótipos. As referências de “orgulho da raça negra” e “destaque da raça negra” foram tornados substrato relevante para os negros das novas gerações:

Era um verdadeiro evento cultural, porque era uma vez por ano pra ir no “Baile das Debutantes”, no “Baile das Dez”, era um baile que a pessoa reservava pra aquele evento, música de orquestra... Mesmo o pessoal mais jovem fazia questão de frequentar os bailes, mesmo que não gostasse daquele tipo de música de orquestra, que era do pessoal mais antigo, fazia questão de frequentar o baile, porque era um evento cultural que chamava a atenção. De orgulho da raça negra, de destaque da raça negra (Entrevista com Sr. Jarbas José, 47 anos).

Delegado negro na entrega de Diploma a Debutantes em 1976. Fonte: cedida pela senhora Maria Isabel Cesário Francisco Miguel





Com estas lembranças do senhor Jarbas, colocamos um ponto em nossas interpretações à respeito dos bailes de gala. Estes que marcaram as lembranças como lugares de “orgulho da raça”, eventos que perpassaram a memória e as vivências de diferentes gerações. Os bailes de gala surgiram, portanto, enquanto momentos ricos de reinterpretações culturais e produção abundante de representações e valores que sustentaram narrativas positivas dos negros para a superação do racismo. Neste momento, nos dirigimos para a apreciação de outro manancial de narrativas realizadas pelos negros, os blocos de carnaval e as escolas de samba.

## **Capítulo 6:**

# **Os blocos de carnaval e as escolas de samba: academias das ruas**

Dentre as variadas formas culturais concebidas pelas sociedades negras no nordeste paulista e triângulo mineiro, as atividades organizadas pelas sociedades recreativas e carnavalescas, com seus times de futebol, festivais, bailes e principalmente com os blocos carnavalescos, também se destacaram como manifestações culturais fundamentais para a demarcação da territorialidade negra e para a construção da memória e das identidades dos afro-brasileiros nestas regiões.

No nordeste paulista, nas duas primeiras décadas do século XX, os negros vivenciaram uma situação de exclusão também no espaço do carnaval, quando então os blocos dos clubes da população branca tomaram as ruas. Em Ribeirão Preto, por exemplo, até a década de 1920, a presença da população negra no carnaval era restrita quando então, os folguedos locais tinham a predominância do carnaval de estilo burguês (VON SINSOM, 1991). O carnaval local era marcado por desfiles luxuosos dos “clubs” das famílias abastadas, como o “Club dos Lords” e a “Família Sétimo Céu” pelas principais ruas da cidade e na Praça XV de Novembro, com carros alegóricos seguidos das “marche aux flambeaux”, “batalhas de confetes no jardim público” e bailes de máscaras no Teatro Carlos Gomes (Jornal “Diário da Manhã”, 04 de Fevereiro de 1910).

Na capital paulista, 1914 foi o primeiro ano em que um agrupamento negro desfilou pelas ruas, como aponta Von Sinsom (1991). Em Ribeirão Preto, não podemos precisar

quando a população negra passou a desfilar pelas ruas, entretanto, podemos afirmar que 1927 foi o ano de fundação da primeira entidade carnavalesca organizada pela população negra local, a “Sociedade Recreativa dançante e familiar Bambas”, com grande participação de negros ferroviários e alguns negros do setor público municipal:

O Bambas foi fundado na Capitão Salomão com a Tamandaré, subindo a Capitão Salomão chegando na Tamandaré. Ali tinha um bangalozinho amarelo, bem lá no fundo do terreno, o ponto era lá num monte de mangueira, ele foi fundado ali, em 1927, era naquele bangalô. Quando eu cheguei em 1950, ele tava meio deteriorado, mas eu ainda alcancei ali, dali ele desceu depois pro Clube Esperança (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Os blocos foram lugar de expressão “da raça” nos ambientes urbanos marcados pela exclusão. Por meio da atuação de suas sociedades e clubes os negros criaram caminhos para adentrarem mais livremente no espaço urbano e demarcá-lo com seus valores e representações:

Naquela época a raça negra não tinha onde dançar, onde tal, então, por isso que foi formado a “Sociedade Dançante e Familiar Bambas”. Então, quando chegava o carnaval reunia famílias, filhos, filhas e fazia aquele desfile, se eu não me engano, na época de 32 ou 34 saiu com mais de cinquenta pessoas, já naquela época. Formava ali na Tamandaré com a Capitão Salomão, formava ali e já descia por aquela terra tudo e ia lá na Praça XV, na cidade (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Até a década de 1950 existiram três blocos carnavalescos em Ribeirão Preto com grande destaque; o bloco “Bambas” de 1927, os “Meninos e Meninas lá de Casa” de 1934 e “Os

Aliados” de 1954. Estes blocos são relembrados em sua formação por antigos membros:

Dentro dos blocos, os blocos eram muito bem formados, lembro que na frente eram os balisas e o Brito era na parte do pulo, aí vinha a rainha, a corte era minha, na bateria era o finado Degar, o finado Degar era do batuque. Prá cantar, naquele tempo não tinha aparelhagem de som, não tinha nada, subia a General Osório no gogó, você entendeu como é o negócio? Então era o Brito lá na frente, eu no meio e o finado Degar na bateria (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Os recursos eram escassos e a tecnologia de som também era praticamente inexistente para a realidade de grupos compostos de populações economicamente marginalizadas, porém sob estas condições foi que se criaram as possibilidades de afirmação das identidades destes blocos negros, com o recurso à inventividade e a força das culturas estabelecidas pelas populações negras, o que de fato constituiu o substrato maior destas expressões socioculturais:

Eu me lembro da ala da corte, eram vinte e quatro pessoas, doze mulheres e doze homens, as mulheres iam de um lado e os homens de outro, na fila, quando chegava num determinado ponto, aí o Brito dava um apito, e quando ele dava um apito cruzava, as mulheres vinham pra cá e os homens iam pra lá, certo. Quando ele dava dois apitos as mulheres iam assim e voltavam e os homens também, voltavam cada um no seu lugar. E o povo, nossa senhora! Ai que coisa bonita! (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Como os blocos não compunham músicas próprias, seus repertórios eram adquiridos da produção radiofônica e dos discos a que tinham acesso. Em 1957, o sucesso dos

“Bambas” no carnaval em Ribeirão Preto foi “Maracangalha”:

Lembro, no primeiro ano que saí, em 1957, era “Maracangalha”, naquele tempo não era como hoje a escola de samba (depois que veio a carta do samba, exigindo... o que é hoje) não precisava compor música, você pegava uma música, uma marcha qualquer e ensaiava a bateria. Naquele foi Maracangalha (canta): Eu vou pra maracangalha, eu vou! Eu vou visitar Anália, eu vou! Eu vou de chapéu de palha, eu vou! Se Anália não quiser ir eu vou só, eu vou só, eu vou só sem Anália mas eu vou!... Isto pegava fogo, o Brito lá na frente, eu no meio e a irmã do Edgar que puxava a música lá atrás no batuque (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Com estes recursos foi que os blocos negros de Ribeirão Preto ganhavam as ruas, marcavam sua territorialidade e suas identidades.

Os grupos negros, tanto no Brasil como em todo o contexto da diáspora, por serem grupos humanos com culturas construídas em meio à busca de recursos de sobrevivência e por serem advindos de interpenetrações culturais diversas, demandam outra perspectiva de apreensão dos fenômenos sociais para nos tornarmos mais cômicos à respeito da lógica de seus universos simbólicos e das possibilidades políticas produzidas a partir de suas práticas. Neste sentido, o estudo de grupos que vivenciaram condições sociais de marginalidade e escassez nos desafia:

[...] nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos objetos d’art ou para além da canonização da idéia de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e de valor, freqüentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis produzida no ato da sobrevivência cultural (BABHA, 1998, p. 240).

Quando abarcamos atuações como estas dos blocos e escolas de samba, no contexto de nossa obra, estamos a perceber o processo social, os grupos e suas culturas a partir dos compartilhamentos e das particularidades políticas, econômicas e dos processos de produção de sentidos múltiplos das produções culturais que se encontram em interação dinâmica. Estes atos enunciativos são explicitados em processos de intervenção política, como os atos dos blocos negros na redefinição das condições de ocupação do espaço urbano. Um aspecto relevante diz respeito aos negros conquistarem notoriedade pública por meio de suas formas culturais. Neste caso, apontamos os blocos carnavalescos ribeirão-pretanos:

Desfilei um par de anos ali, a gente começava a formar a escola da Praça Schmidt até a José Bonifácio, dali pra cima já era desfile, aquilo você olhava de lá de baixo, a General Osório parecia que estava com dois metros de largura, porque era gente de um lado de cá e gente do lado de lá, a calçada tomada, as crianças tudo sentada na calçada, você passava naquele funil (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

A observação das múltiplas dimensões que compõem a trama social contribuiu para ampliar a percepção e enriquecer as interpretações do social. A encenação identitária e a re-criação das representações passível de ser elaborada por um grupo humano, que busca produzir identidades que suplantem os estigmas atribuídos. Entendemos que:

...A partir da experiência simbólica dos negros africanos e de seus descendentes no Brasil, pode-se acrescentar algo ao pensamento que se orienta no sentido da negatividade absoluta do trabalho e da morte, abrindo-se caminho para a

revelação da existência de dimensões importantes no âmbito da comunidade e do mito (...) para além das relações econômico-utilitárias (SODRÉ, 1988, p.114).

A partir desta perspectiva, também abordamos expressões culturais de qualquer grupamento humano em contexto pluricultural e/ou pluriétnico, como os grupos negros que compõem o contexto da diáspora brasileira, práticas discursivas hegemônicas que estamos a abordar. Estas realizações políticas dos grupos negros, por meio de suas agremiações carnavalescas, concretizaram-se enquanto práticas que propiciaram a elaboração de marcos para a efetivação de vivências solidárias, de comunhão entre negros, de promoção das culturas negras e mediação com outros grupos em cidades como Ribeirão Preto.

Os negros podiam “dar seus shows” e realizarem ritualizações de força e prestígio, processo realizado em atos diversos. Atos que iam desde a ocupação das ruas com corpos e sons emitidos em meio aos desfiles, até as disputas em “locais nobres” das cidades e a realização de homenagens aos fundadores destas agremiações:

Quando terminava, na pastelaria carioca, na Rua Amador Bueno, tinha um diretor dos Bambas ali, o seu Candinho, morreu de velho! Então a gente ia lá fazer uma homenagem pra ele todo ano, a gente fazia tudo isso aqui e depois e ia fazer uma homenagem pra ele todo ano. Ali era a pastelaria do carioca, o único negro que tinha um comércio no centro, a gente passava lá pra tomar uma cerveja, comer um pastel, era o melhor pastel da cidade. Ele era fundador, eles eram em sete fundadores, quatro da família Amâncio e três da família Santos (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Em Ribeirão Preto, os blocos negros e mais tarde, as

escolas de samba, tiveram a hegemonia dos desfiles de carnaval, desde o final do decênio de 1920. Representaram importantes exemplos de atuação para negros das cidades próximas, a exemplo de Batatais, em que os sujeitos recordam-se das saídas do bloco ribeirão-pretano, nos anos 1930:

Os Bambas, quando eles saíam em Ribeirão, os negros mais velhos de Batatais diziam que escutavam os fogos daqui, era muito importante! A bisavó da Izabela fala disso (Entrevista com Sra. Izabel, 43 anos).

Em Ribeirão Preto, entre o final da década de 1950 e o início da década de 1970, muitas transformações ocorreram. Por um lado a população aumentou drasticamente (de aproximadamente 90.000 habitantes em 1950 para 218.000 em 1972). Por outro lado também se multiplicaram as intervenções na lógica sócio-étnico-racial. Um destes fatores nós relacionamos com a chegada de populações negras que ocuparam posições sociais mais marginalizadas que os negros antigos já estabelecidos, com um consequente aumento das distinções sociais e segmentações entre os negros. Por outro lado foram criadas novas organizações negras, o que no caso dos blocos e escolas de samba foi evidente. Até meados da década de 1950 existiam apenas duas agremiações de samba na cidade, apenas entre esta década e o ano de 1970 foram fundadas mais quatro organizações sambistas.

Dentre estas agremiações carnavalescas, uma foi formada por um antigo diretor do Clube Estrela do Oriente da cidade de Barretos. Mestre Oscarzinho, que fundou a Escola de Samba Acadêmicos do Ipiranga, no bairro do Ipiranga, próximo à região do antigo Pau do Urubu, em



1969. Referência importante para muitos negros aproximados do universo do samba por meio dos “Acadêmicos”, inclusive o senhor Carlos Eurípedes da escola “Tradição do Ipiranga”:

Em 1980, eu fiz uma fantasia pro carnaval na escola chamada Deus Negro. Todo mundo fazendo fantasia, mas ninguém falando do negro. Foi aí, acabei fazendo uma fantasia chamada Deus Negro, eu apresentei. Eu fiz a fantasia Deus Negro. Ai minha fantasia ganhou o primeiro lugar. Aí entrei em uma escola de samba, e tudo que aprendi de samba aprendi com mestre Oscarzinho (Entrevista com Sr. Carlos Eurípedes, 44 anos).

Entretanto, muitos destes sambistas podiam discordar dos conteúdos enunciados pela escola de samba Acadêmicos do Ipiranga. Principalmente no contexto da década de 1980 quando as referências de luta contra a discriminação racial e a afirmação da história afro-brasileira e africana tomaram vulto:

Não sei se eu posso falar essa palavra. Ah, teve um ano, em 1988, ele chegou em mim. Em 1988 foi o ano que fez os enredos pra todo mundo. Mãe preta criou muitos filhos brancos hoje tem até doutor, até doutor. Era a música refrão do samba. Que não tinha nada haver comigo, ao invés de exaltar os negros em 1988, exaltou... Os filhos das mães brancas, os doutor branco! E a mãe deles se fuderam, e a gente tinha que cantar isso! A gente não podia ficar falando questionando, falando, não vou... Aí, tive que cantar isso na avenida. Na abolição falar dos negros, mãe preta criou muitos filhos brancos, e hoje? Tem até doutor, até doutor! (Entrevista com Sr. Carlos Eurípedes, 44 anos).

Outra escola de samba neste período, fundada no início da década de 1960, foi a “Acadêmicos do Jardim Paulista”,

que contava com muitos integrantes que foram da “Aliados”, mas também com negros de toda cidade, principalmente dos bairros mais periféricos. Esta escola de samba foi fundada na região de um antigo reduto de negros, o Bangu, por um homem de classe média vindo do Rio de Janeiro, o senhor Carlinhos Durão, que revolucionou o carnaval na cidade:

Depois mudou, veio, foi indo... Aí, passou a ser escola de samba e já começou mudar. Passou a ser escola de samba, passou a ter enredo, samba de enredo. A chegada do Acadêmicos da Vila Paulista, que a família do Durão veio do Rio, chegaram, montaram e no primeiro ano saiu como bloco, mas no outro ano já saiu como escola, aí já tinha mestre-sala, porta bandeira, aí já foi pondo no lugar. O pessoal pergunta: por que a escola de samba de Ribeirão Preto tem uma tonalidade mais do carnaval do Rio de Janeiro do que do carnaval paulista? Porque, quando o Carlinhos viajou, ele montou... A bateria do Rio tem mais chacoalho, tem mais molho, mais samba. O carnaval de São Paulo é mais seco, com muito bumbo (Entrevista com Sr. João Bento, 80 anos).

Desde a percussão, com novas tecnologias, até a ala das baianas, passando pela bateria e pelo ritmo, em todos os quesitos a escola do senhor Durão inovou:

É... As escolas aqui não tinham tanta coisa, não tinha ala das baianas. Os instrumentos de percussão, antigamente nos Bambas, eram feito de tambor de óleo. Eles forravam aquilo, porque não tinha dinheiro para comprar instrumentos bons, não tinha acesso. Meu pai veio do Rio de Janeiro prá cá, ele trouxe uns instrumentos de percussão das baterias do Rio de Janeiro, trouxe de lá entendeu, quer dizer, foi uma revolução, né? O surdo aqui, antigamente, pra esticar o coro dele, tinha que ser no fogo. Porque não tinha a tecnologia do Rio de Janeiro que já era de parafuso, porca e tarraxa (Entrevista

com Sr. Paulo Caldas, 51 anos).

Com um samba mais cadenciado, uma ala de baianas com mais de cinquenta componentes, um colorido até então nunca visto, verde, rosa e branco (as escolas da cidade possuíam apenas duas cores), uma bateria com um número de integrantes que era quase a totalidade de todos os integrantes das escolas locais, a Acadêmicos do Jardim Paulista inovou demais. Além de tudo isso, ainda foi criada a ala do passo com a presença de capoeiristas, como também um samba enredo totalmente inusitado para os padrões da sociedade da época cujo tema era “Saravá”:

Tinha o Itamar e o Lindomar, fazia duas filas de quatro, fazia a turma do passo. O Flávio batia no prato, que tocava na banda da polícia militar e os caras repicavam. O samba enredo, no primeiro ano que a escola saiu, o Zé coco, encheu o saco de todo mundo a semana inteira. Tinha um samba que era cantado pro carnaval, parece que chamava Saravá, o samba fala assim: “Saravá meu pai vou me benzer, vou pedir ao pai de santo pra quebrar o seu encanto e me proteger, ele é dono do mundo (e a bateria pra ra ra pra pra!) ele é da mandinga, vou por na gira, (e as negras lá na frente eu vou, eu vou, eu vou)”, prato, o compadre Sinésio, ainda me arrepiava, era um troço emocionante! Esse samba foi no primeiro ano que a escola saiu! (Entrevista com Sr. João Pinto, 58 anos).

Quem foi Carlinhos Durão? Era um homem branco carioca de classe média que veio para Ribeirão Preto na década de 1950, época de grande crescimento econômico do interior paulista e da região nordeste do estado em particular. O senhor Carlinhos Durão, como era conhecido, fundou uma escola de samba em 1960 na cidade. Era muito considerado entre a população negra como “um branco

negreiro”, inclusive ele desfilou dois anos como passista no bloco de samba dos Aliados com uma máscara, para se disfarçar e evitar problemas com outros brancos:

O Durão, ele era negreiro e tinha visão e poder aquisitivo. Tanto era negreiro que casou com uma negra, quer declaração maior do que essa! Ele gostava, ele passou a vida dele na escola. As filhas dele com três, quatro anos saíam na escola. Ele dizia no pé (Entrevista com Sra. Marilda, 52 anos).

Em verdade, senhor Durão era um homem claro, descendente de negros e brancos, que antes de vir para a cidade de Ribeirão Preto, convivia em um ambiente de maioria negra, no Rio de Janeiro, de onde trouxe seus conhecimentos e aprendeu a “dizer no pé”:

Meu pai... Branco, branco não era, era branco negreiro. Por parte de mãe, minha bisavó era casada com negro, o avô dele era negro. Ele era um negro ferroviário, esse negro faleceu e ela acabou se casando com irmão dele. Casou com esse negro ferroviário lá no Rio de Janeiro, trabalhava na ferrovia. Minha avó era espanhola (Entrevista com Sr. Paulo Caldas, 51 anos).

Como meio de não ter problemas com os setores hegemônicos dos quais provinha, que não admitiam um branco, empresário de médio porte envolver-se em “coisas de negros”. Entretanto, o senhor Carlinhos, como pessoa com vínculos com as populações negras, procurou um meio de conciliar sua dupla pertença e saiu mascarado, durante dois anos, no então bloco dos “Aliados”, na década de 1950:

---

O Carlinhos acabou saindo como mascarado nos Aliados... Justamente, por causa da sociedade, porque ele era sócio da Recreativa. Era uma afronta para a sociedade um branco

sócio da Recreativa sair em uma escola de samba com negros... Saiu dois anos e saiu todas as vezes mascarado... Eu mesma falei para ele: “para com isso”! Dois anos mascarado. Ele era... Lá nos Aliados ele era mestre sala dos Aliados, de máscara. Ele e a Maria Helena que morreu também, nós tratávamos ela como Maria Helena Popopó. Era o povo negro, assim tudo junto, e ele de branco no meio, de máscara (Entrevista com Sra. Maria Caldas “Cici”, 73 anos).

As atividades desenvolvidas ao longo do ano pela escola “Acadêmicos de Vila Paulista” tornaram-se fonte de construção de vínculos societários e identidade:

Tinha muito negro ali, era um reduto negro e a escola surgiu ali... As famílias moravam no Bangu ali começou a gostar e tinham vontade de participar. A escola de Samba dos acadêmicos realmente era uma família mesmo. Eram as famílias que participavam do Bangu, do Pau do Urubu e do Tanquinho também (Entrevista com Sr. Paulo Caldas, 51 anos).

Os “Acadêmicos da Vila Paulista” tornou-se referência da população negra e para a sociedade em geral e mantiveram a hegemonia do carnaval durante toda década de 1960.

Prefeito Duarte Nogueira em entrega de troféus às campeãs em 1970.  
Fonte: cedida pela senhora Maria Isabel Cesário Francisco Miguél



Neste processo, nos recordamos dos dois coordenadores da “ala do passo” uma das importantes inovações da Escola dos Acadêmicos. Os senhores Itamar e Lindomar eram dois irmãos capoeiristas paulistanos e alfaiates, e também são fruto das migrações ocorridas após os anos 1950. Além disso, estão entre os primeiros capoeiristas da cidade e precederam os capoeiristas baianos mestre Gato e mestre Miguel, este último fundador da Academia de Capoeira Oxumaré, a primeira academia de capoeira da cidade de Ribeirão Preto, possivelmente a primeira da região, em 1972:

O Itamar e o Lindomar, esses dois vieram de São Paulo e meu pai que acolheu eles. Eles capoeiristas, tinham uma ala chamada ala show, ala da coreografia. Eles gostavam de danças e eram dois excelentes alfaiates. Eles costumavam para escola de samba, e meu pai deu essa idéia para eles de fazer essa ala show. Ala de passo marcado, que inclusive essa ala de passo marcado passou a fazer parte, do quesito. Na escola de samba. E ele tinha uma ala excelente. Foi em Santos, foi em outras cidades, e a escola Acadêmicos foi representar Ribeirão Preto (Entrevista com Sr. Paulo Caldas, 51 anos).

No decênio de 1960 e 1970 o samba passou a ter cada vez mais espaço com o crescimento das escolas de samba e a aparição destas no espaço da televisão. Neste contexto, as escolas de samba de Ribeirão Preto, passaram a representar a cidade. Uma delas foi a escola dos “Bambas”, outra foi a “Acadêmicos de Vila Paulista”:

Os Acadêmicos foram pra muitos desfiles fora de Ribeirão. Santos, Águas de Lindóia, Barretos, Bauru. Quem puxou a gente pra Barretos foi o Oscarzinho, ele deu um jeito de levar Os Acadêmicos do Jardim Paulista. O Carlinhos tinha contatos com a diretoria do “Estrela do Oriente” (de Barretos), do

clube de Batatais também, a “Princesa Isabel”. Muitas vezes nós fomos disputar em outras cidades, muitas mesmo! Até ganhamos de uma escola de samba no Sílvio Santos, no “Cidade contra Cidade”. E quando chegava aqui em Ribeirão Preto, era uma festa! (Entrevista com Sra. Maria Caldas “Cici”, 73 anos).

Outra escola que representou Ribeirão Preto em outras paragens foi a Escola “Embaixadores dos Campos Elíseos”, fundada em 1967, por um antigo carnavalesco da cidade. Este carnavalesco foi o senhor Nascimento, que iniciou sua vida como sambista ainda criança, no Bloco dos Bambas, onde foi passista em 1948 e posteriormente tendo passado pelo “Acadêmicos da Vila Paulista”. A fundação dos “Embaixadores dos Campos Elíseos” também foi fruto deste processo de transformações na lógica urbana de Ribeirão Preto e do nordeste paulista em geral, pois a escola nasceu em uma região que se tornou de grande concentração de negros, a Vila Carvalho e o Tanquinho, onde a maioria da população era proveniente da onda migratória mais recente:

Olha, eu comecei a sair em Escola de Samba com seis anos de idade, nos Bambas. Nessa época eu morava ali na Saldanha Marinho e os Bambas tava ensaiando ao lado do correio, que tinha um salão ali. Lembro como se fosse hoje, eu comecei dar uns passos e o Brito, muito considerado, viu eu sambando gostou, e ele que era o diretor de carnaval dos Bambas. Aí eu comecei a sair de passista, era um tipo de um cordão que subia a Rua General Osório (Entrevista com Sr. Nascimento, 67 anos).

Em todo este desenrolar sócio histórico, conseguimos apontar algumas particularidades quanto à situação das escolas de samba nas diferentes cidades. Diferentemente a Barretos, Ribeirão Preto e Batatais cidades onde os negros

mantiveram a hegemonia do carnaval, em Araraquara, os afro-brasileiros precisaram atuar para desbancar a hegemonia dos blocos e escolas de samba pertencentes aos clubes considerados “clubes de branco” (por serem frequentados quase exclusivamente pela população branca) nas décadas de 1970 e 1980. Escolas de samba nas quais os negros somente participavam de maneira subalterna, espaços de menor visibilidade.

Em muitos momentos as organizações negras concretizaram “o orgulho de ser negro” por meio da afirmação de suas identidades pautadas em referências à africanidade e a afirmação positiva do fenótipo do ser humano negro, por meio de roupas e cortes de cabelo. Neste sentido, podemos perceber que os desfiles das escolas de samba também foram espaços importantes para a visibilidade destas narrativas de afirmação das particularidades da história e da memória das populações negras ao longo de todo século XX:

Nas escolas de samba, nossa ala de participação era sempre a ala afro. Nós ditamos moda, usar bata, cabelos de tranças, cabelo Black, usar filá, tipos de dança, nomes afro, etc. (Entrevista com Sra. Célia, 53 anos).

Tanto na consideração dos blocos e escolas de samba quanto no referente às demais expressões instauradas pelas organizações negras para exprimirem suas diferenças e identidades, compreendemos as experiências históricas constituintes da diáspora negra sem nos perdermos em procurar uma essência ou uma pureza.

As pesquisas que levam em conta a etnicidade, e principalmente seu caráter político, tornam-se uma via fecunda para ampliar e aprofundar as reflexões a respeito das



relações sociais dos grupos negros. As relações dos grupos afro-ribeirão-pretanos e suas culturas foram abordadas como parte integrante das relações dinâmicas no processo social.

Nesta perspectiva, para avaliar os processos identitários e as relações socioculturais e políticas entre os grupos negros e outros grupos étnicos nesta cidade do nordeste paulista, compartilhamos das reflexões de Fonseca (2000). Temos em mente que a identidade étnica afirma-se no contato, e que ela se transforma a cada momento conjuntural, demarcada por estratégias políticas a partir da eleição das diferenças e da dinâmica cultural em curso. Este ponto de vista refuta a percepção dos grupos e de suas culturas como unidades estanques e estáticas, e também traduz a identidade como resultado de um processo dinâmico situado de acordo com o contexto social e a conjuntura histórica (PEREIRA, 2002).

Assim, o estudo das relações socioculturais e políticas desenvolvidas entre os grupos negros e outros grupos étnicos, tanto em Ribeirão Preto como em suas relações com outras cidades do nordeste paulista, foram um caminho para se avaliar as formas de mobilização, de expressão, de identidade e de construção das fronteiras, além das alianças e conflitos presentes neste contexto social, de forma geral, as possibilidades políticas que as populações negras viveriam.

Desta maneira, reportamo-nos ao desenrolar dos processos históricos, socioculturais e políticos em que se inserem estas relações. Sendo assim, refletimos sobre os limites e opções políticas que estas populações encontraram para constituírem suas práticas e organizações, neste contexto, ao longo do século XX.

Distanciamo-nos ainda das perspectivas essencialistas por termos buscado compreender como as populações negras orientaram suas organizações e formaram suas identidades ao longo deste processo, tanto nas diferenciações quanto no assemelhamento com a cultura dos grupos imigrantes e dos grupos dos brancos nacionais, na qual encontraram muitos elementos simbólicos para se estabelecerem.

Este foi o prisma geral sob o qual conseguimos reconstruir as conquistas da população negra, por meio da expressão de suas identidades e de suas práticas socioculturais, em Ribeirão Preto ao longo do século XX.

## Considerações Finais

As atuações das populações negras surgiram para nós como concretização da força política para interpelar as matrizes da modernidade oitocentista e novecentista que dão sustentação às construções de identidade e cultura nacional, regional e local e às narrativas estereotipadas sobre os afro-brasileiros. Construções presentes como base da lógica da discriminação étnico-racial no Nordeste Paulista.

Com esta compreensão situamos as mais diversas expressões das organizações negras, vindas à tona com esta pesquisa, no seio das disputas de poder com as bases autoritárias das concepções de nação e humanidade hegemônicas. Como bem salienta Chauí (2000) bases estas, que procuram desqualificar como inferiores e/ou sem racionalidade as formas socioculturais e identitárias dos grupos que ela denomina como populares, no caso deste estudo, das populações negras, por serem práticas discursivas que questionam o historicismo das narrativas lineares que se pretendem superiores e únicas.

Sob os auspícios destas considerações, podemos afirmar que neste livro, apresentaram-se diversos resultados relevantes, entretanto entre todos estes, os que se destacam são aqueles relativos à força da singularidade expressa nas realizações das populações negras, as quais, por meio de suas organizações, expuseram as potencialidades dos lugares híbridos de valor cultural, por meio da construção e enunciação de narrativas identitárias propiciadoras de diversas conquistas políticas para estas populações.

Neste sentido é que a diversidade afirma-se como instituinte do mosaico do vivido para além da linha imaginária

das concepções autoritárias hegemônicas sempre em busca de classificar e hierarquizar o mundo com base em uma sonhada homogeneidade.

Neste estudo, a força da singularidade, que destitui os sonhos autoritários hegemônicos, apresentou-se sob as diversas formas identitárias das populações negras. Formas estas que encerraram posicionamentos múltiplos e diferentes possibilidades de diálogo com as realidades vivenciadas ao longo dos tempos e espaços. Com o estudo desta capacidade das formas identitárias dos afro-ribeirão-pretanos ficou exposta, de maneira decisiva, a subversão da hegemonia do racismo na sociedade brasileira e nesta região paulista desde o início do século, mas, sobretudo a partir da década de 1970, com a afirmação mais explícita de suas particularidades fenotípicas e de suas identidades referendadas em memórias concebidas na posituação das histórias e culturas de seus antepassados afro-brasileiros e africanos.

Sob estes sentidos é que se apresenta muito da relevância das organizações e formas identitárias construídas pelos afro-brasileiros. Com estas considerações, finalmente colocamos um ponto em nossas discussões, com as quais esperamos que outros pesquisadores possam dialogar para aprofundá-las e/ou ampliá-las, sempre no trajeto da contribuição e compartilhamento de saberes.



## Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Célia Maria Marinho. Onda Negra, Medo Branco – O Negro no Imaginário das Elites - Século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BABHA, HOMI. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BALANDIER, Georges. Antropologia Política. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: Edunesp, 1998, Trad. Élcio Fernandes. P. 187-227.
- BASTIDE, Roger. Estudos Afro-Brasileiros. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- BARBOSA JUNIOR, Washington Bessa. Ribeirão Preto como cenário de representatividade histórica. Ribeirão Preto: Editora Fundação Instituto do Livro, 2010.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, Etnia e Estrutura Social, São Paulo: Livraria Editora Pioneira, 1976.
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. Cultura e Democracia, São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DEAN, Warren. Rio Claro: um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura, 1820-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DOMINGUES, Petrônio. Uma história Não Contada: Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no Pós-Abolição. São Paulo: Editora SENAC, 2004.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Ática, 3ª edição, 1978.
- FERREIRA, Lúcia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. Linguagem,

Identidade e Memória Social: Novas fronteiras, Novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

FONSECA, Dagoberto José. A piada: Discurso Sutil da Exclusão Um Estudo do Risível no “Racismo à Brasileira”. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências Sociais, Puc São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. Dagoberto José. Negros Corpos (I)Maculados: mulher, catolicismo e testemunho. São Paulo: Tese (Doutorado em Antropologia), Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, Puc, 2000.

FRANCISCO, Dalmir. In FONSECA, Maria Nazareth Soares. (org.). Brasil Afro-Brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.117-152.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 3ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2000.

FRY, Peter. “Politicamente correto num lugar, incorreto noutra?” Relações raciais no Brasil, nos Estados Unidos, em Moçambique e no Zimbábue. Estudos afro-asiáticos, Rio de Janeiro, n. 21, p.167-177, 1991.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Ática, 3ª edição, 1978.

GUIMARÃES, Dulce Maria Pamplona. A celebração da modernidade: a feira e a festa nas exposições agropecuárias do nordeste paulista. Franca:UNESP – FHDSS, 1997.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). Identidade, e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 10ª Edição, 2005.

HASENBALG, Carlos Alfredo. Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1979 (Biblioteca de

Ciências Sociais, v.10).

HOFBAUER, Andréas. Uma História do Branqueamento ou o Negro em Questão. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

KARASCH, Mary C. A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LARA, Sílvia Hunold. Significados cruzados: um reinado de congos na Bahia setecentista. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira da. (org). Carnavais e outras frestas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MESQUITA, Zilé. Do Território à Consciência Territorial In MESQUITA, Zilé. & BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/ Santa Cruz do Sul: Editoras da UFRGS/UNISC, 1995, P. 76-92.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência, Lisboa, Portugal: Publicações Europa América, 1982.

MUNANGA, Kabenguele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra, Petrópolis: Vozes, 1981.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência, Lisboa, Portugal: Publicações Europa América, 1982.

\_\_\_\_\_. O Método IV: As Idéias, Portugal: Publicações Europa América, 1991.

MUNANGA, Kabenguele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra, Petrópolis: Vozes, 1981.

PIERSON, Donald. Brancos e pretos na Bahia: estudo de contato racial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da Diferença. São Paulo: Editora 34, 2000.



PINTO, Álvaro Vieira. Consciência e Realidade Nacional. ISEB-MEC, 2 volumes, 1960.

PINTO, Regina Pahim. Movimento negro e etnicidade. Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro, n. 9, 1990, p.109-123.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRADO Júnior, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo, 20ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRATES, Prisco da Cruz. Ribeirão Preto de Outrora. São Paulo: Gráfica José Ortiz Júnior, 1956.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Brasiliense, 1978.

\_\_\_\_\_. O espaço do cidadão. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SEYFERTH, Giralda. “A estratégia do Branqueamento” in Ciência Hoje, 25 (5) (julho-agosto), 1986.

\_\_\_\_\_. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre o racismo. In: Racismo no Brasil. São Paulo: Peirópolis: ABONG Editora fundação Peirópolis, 2002

SILVA, Tomaz Tadeu da.(org). Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983.

\_\_\_\_\_. O terreiro e a cidade: a formação social negro brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. Muniz. Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil, 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Sérgio Luiz de. (Re)vivências negras: entre

batuques, bailados e devoções-práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950), Ribeirão Preto-SP: Edição do Autor, 2007.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TUON, Liiamar Izilda. O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920). Dissertação de Mestrado em História apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP-Franca, 1997.

VON SINSOM, Olga R de Moraes. Folgado Carnavalesco, Memória e Identidade Sócio-cultural. In Resgate Revista de Cultura, Número 3. Ceru/Unicamp, Campinas: Papyrus, 1991.

WALKER, Thomas Walker & BARBOSA, Agnaldo Souza. de. Dos Coronéis à Metrópole: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2000.

WISSEMBACH, Maria Cristina Cortez. Da Escravidão à liberdade: Dimensões de uma Privacidade Possível, In: SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil, Volume 3, República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WOODWARD, Katryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis RJ: Vozes, 2000.







